



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA/PB
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

MARIA EDUARDA DA SILVA DANTAS

**ESPAÇOS PÚBLICOS E VIVÊNCIAS URBANAS: um estudo sobre as espacialidades e
relações da cidade de Alagoinha/PB**

**GUARABIRA/PB
2022**

MARIA EDUARDA DA SILVA DANTAS

ESPAÇOS PÚBLICOS E VIVÊNCIAS URBANAS: um estudo sobre as espacialidades e relações da cidade de Alagoinha/PB

Trabalho de Conclusão de Curso, (Monografia) apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

**GUARABIRA/PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D589e Dantas, Maria Eduarda da Silva.
Espaços públicos e vivências urbanas [manuscrito] : um estudo sobre as espacialidades e relações da cidade de Alagoinha/PB / Maria Eduarda da Silva Dantas. - 2022.
57 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva ,
Coordenação do Curso de Geografia - CH."

1. Espaços públicos. 2. Vivências. 3. Cidade. 4. Geograficidade. 5. Memória. I. Título

21. ed. CDD 910

MARIA EDUARDA DA SILVA DANTAS

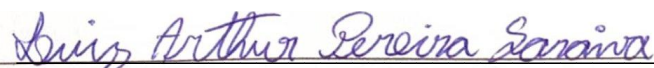
ESPAÇOS PÚBLICOS E VIVÊNCIAS URBANAS: um estudo sobre as relações e espacialidades da cidade de Alagoinha/PB

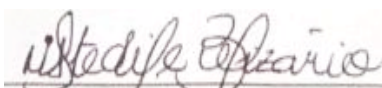
Trabalho de Conclusão de Curso, monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Geografia.


Área de concentração: Geografia Cultural e da Percepção.

Aprovada em: 13/07/2022.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Maria Aletheia Stedilê Belizário
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, como aos meus pais, orientador,
irmãos e amigos por todo apoio ao longo dessa
jornada, vos DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus por nunca me desamparar em momentos difíceis. Obrigada meu Pai, por tudo que me proporcionaste viver durante a graduação, pelo privilégio da vida, pela força para que nunca eu desistisse em meio a tantas dificuldades, por todos aqueles enviados por ti para me fazer continuar a jornada, que foram brisas após grandes tempestades. Te louvo, pois antes mesmo que eu me formasse no ventre da minha mãe, o Senhor já tinha traçado um plano lindo na minha vida.

Aos meus pais Edmilson e Marinalva, ambos foram e são a base da minha vida, por todo esforço e dedicação para que eu não desistisse, por seu amor incalculável, por todas as palavras de ânimo, todas as orações e cuidado. Por me fazer persistir em meus sonhos, por não pouparem esforços para me manter diante de momentos turbulentos. Por toda compreensão e apoio, por serem mais que pais dedicados e carinhosos, amigos e parceiros.

A meu orientador e professor Luiz Arthur por toda paciência e instigação, pelas belas palavras de ânimo, todo conhecimento partilhado e a amizade constituída em todo o percurso, pela oportunidade de construirmos este trabalho. Obrigado, ainda, por fazer nascer em mim uma pesquisadora, despertar uma curiosidade sobre a geografia urbana que desconhecia, por toda confiança depositada. Por todos os momentos de descontração e conversas. Pela oportunidade de trabalharmos juntos no PIBIC e estendido até esta monografia.

Aos meus irmãos Eudes, Edson e Ezequiel por todo apoio e incentivo. Aos meus familiares por todo cuidado e carinho. Minhas cunhadas Maria e Ruth por se fazerem presentes, como a luz dos meus dias, minhas sobrinhas Débora e Rebeca, razão da minha força. As amiga e irmãs, Mirielly e Jaine minhas maiores incentivadoras, presentes de Deus para minha vida. Brenda, Lavínia e Ismênia, mulheres guerreiras, obrigada por me ajudarem em todos os instantes de ansiedade. Isaque, Matheus e Mathias amigos e irmãos agradeço por todas as orações e por se fazer presente.

Aos meus amigos e parceiros que a UEPB me presenteou, louvo a Deus pela vida de vocês. Noberto, Werllen, Sebastião, Danrley, Mateus, Júlia e Jacqueline, todos vocês não mensuram a importância de cada um em minha vida, em situações inimagináveis cada um à sua maneira foi um escape para mim, motivo de um sorriso e de muitas vibrações de estresse, mas de muitos sucessos. A todos da turma 2017.2, cada um marcou a minha história acadêmica como da minha vida, obrigada por tudo.

Aos meus amados professores que contribuíram ricamente para minha formação como ser crítico, por compartilharem suas experiências de vida e me tornarem uma pessoa melhor, alguns mais chegados que outros, desculpas por falar muito durante as aulas, mas obrigada por me tornar uma docente que busca fazer o melhor pela educação por meio da Geografia.

A todos os/as cidadãos/ãs que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho e reservaram um pouco do seu tempo a responder às questões perguntadas. A cada um/a que tornou possível a minha chegada até este dia, contribuiu ao seu modo para a realização de um sonho, muito obrigada a todos/as.

*Só podemos alcançar o impossível,
se acreditarmos que é possível.*

Alice no país das maravilhas.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA/PB
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

Autora: Maria Eduarda da Silva Dantas

Orientador: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

Banca Examinadora: Prof. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário

Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

ESPAÇOS PÚBLICOS E VIVÊNCIAS URBANAS: um estudo sobre as espacialidades e relações da cidade de Alagoinha/PB

RESUMO

Na condição em que se encontram as questões políticas e culturais, assim como novos ritmos de vida e experiências no cotidiano urbano da sociedade atual, os espaços públicos e suas vivências são constituídas por um conjunto de objetivos e intencionalidades entre os múltiplos agentes e sujeitos das classes e grupos que compõem a diversidade social. Parte-se, não exclusivamente, da abordagem hermenêutico-fenomenológico, sob uma perspectiva que não negue outras correntes de pensamento que abordam as geograficidades e suas intersubjetividades, como a memória buscando evitar o dogmatismo e levantando diálogo. O trabalho foi sustentado com base na pesquisa realizada que teve, como objetivo geral, abordar as questões entre os espaços públicos e suas vivências na cidade de Alagoinha/PB. Os principais procedimentos metodológicos serão a pesquisa bibliográfica, tendo como base autores como Tuan, Serpa, Dardel, Bosi, Corrêa, Gomes dentre outros, a análise das políticas urbanas e culturais a partir do levantamento legal-documental, e as visitas in loco a alguns espaços públicos na cidade de Alagoinha/PB, com suas devidas trocas de experiências, observações, descrições e coleta de dados/informações via depoimentos e entrevistas, constituindo uma pesquisa de cunho participativo, enfatizando o contexto local e as relações inerentes ao cotidiano estudado. Através da observação e todo o resultado angariado por meio das imagens e relatos é notável que as espacialidades da cidade necessitam de uma atenção especial, no quesito estrutural não deixam a desejar, mas tratando de funcionalidades que resgate o interesse do público, por parte do poder público da cidade.

Palavras-Chave: espaços públicos; vivências; cidade; geograficidades; memória.

ABSTRACT

In the condition in which political and cultural issues are found, as well as new rhythms of life and experiences in the urban daily life of the current society, the public spaces and their experiences are constituted by a set of objectives and intentionalities among the multiple agents and subjects of classes and groups that make up the social diversity. It starts, not exclusively, from the hermeneutic-phenomenological approach, under a perspective that does not deny other currents of thought that approach geographies and their intersubjectivities, such as memory seeking to avoid dogmatism and raising dialogue. The work was sustained based on the research conducted that had, as its general objective, to address the issues between the public spaces and their experiences in the city of Alagoinha/PB. The main methodological procedures will be bibliographic research, based on authors such as Tuan, Serpa, Dardel, Bosi, Corrêa, Gomes among others, the analysis of urban and cultural policies from the legal-documental survey, and in loco visits to some public spaces in the city of Alagoinha/PB, with their due exchanges of experiences, observations, descriptions and collection of data/information via testimonials and interviews, constituting a participatory research, emphasizing the local context and the relationships inherent in the daily life studied. Through the observation and all the result gathered through images and reports it is notable that the city spatialities need special attention, in the structural aspect they do not leave anything to be desired, but dealing with functionalities that rescue the interest of the public, by the public power of the city.

Keywords: public spaces; experiences; city; geographcities; memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Mapa político dos municípios paraibanos, Alagoinha e seus limites	32
Imagem 2 - Mapa de localização dos espaços públicos abordados na pesquisa em Alagoinha/PB	33
Imagem 3 - Demarcação da malha urbana do município de Alagoinha	34
Imagem 4 - Antiga praça João Pessoa, início dos anos 1990	35
Imagem 5 - Atual praça Geraldo Beltrão	35
Imagem 6 - Praça Alfredo Moura, (entre 1959 e 1970)	37
Imagem 7 - Atual praça Alfredo Moura	37
Imagem 8 - Antiga praça Guadalajara, década de 1950	38
Imagem 9 - A atual praça Lia Beltrão	38
Imagem 10 - Rua Governador José Américo, entre 1958 e 1969	39
Imagem 11 - Rua Governador José Américo	39
Imagem 12 - Tradicional festa de Alagoinha, em 2015	41
Imagem 13 - Praça Durval Barbosa	43
Imagem 14 - Bingo beneficente na praça Geraldo Beltrão	44
Imagem 15 - Inauguração do letreiro na praça Durval Barbosa	45
Imagem 16 - Raízes do brejo em Alagoinha, praça Alfredo Moura	48
Imagem 17 - Jogo de damas na praça Lia Beltrão	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS, MEMÓRIA E GEOGRAFICIDADE	15
1.1 CONCEITUANDO ESPAÇOS PÚBLICOS	15
1.1.1 CONFLITO ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO	18
1.2 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA	23
1.3 COMPREENDENDO A GEOGRAFICIDADE	27
CAPÍTULO 2 - VIVÊNCIAS A PARTIR DO ESPAÇO URBANO DE ALAGOINHA: reflexões sobre os espaços públicos	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO DE CAMPO	57

INTRODUÇÃO

As dinâmicas nas quais vive a sociedade estão em constante transformação e muitas dessas estão associadas ao espaço urbano, em divergentes proporções, envolvendo os espaços públicos e a lógica neoliberal globalitária vigente. Quando refletimos sobre essa perspectiva em cidades do interior e de que forma essas novas dinâmicas têm interferido nas relações sociais e espaciais dos indivíduos com os espaços denominados públicos, é possível perceber que o caráter antes atrelado ao interior brasileiro tomou outras formas.

Uma característica dada às cidades de pequeno porte era de lugar pacato, tranquilo, que possuía as relações entre seus indivíduos bem estreita devido à familiaridade entre os seus cidadãos e cidadãs, porém, essas definições tomaram rumos e características um pouco distintas, a partir do momento em que elas se depararam com o modelo globalizado e neoliberal, as transformações começaram a acontecer.

Algumas das mudanças que eram perceptíveis em grandes centros urbanos passaram a se tornar presentes nas cidades de pequeno porte, as dinâmicas do mundo globalizado atreladas às notáveis cidades grandes passaram a surgir nos interiores. Mas o ponto a ser destacado durante este trabalho é com relação à dinâmica sociocultural, as experiências e vivências constituídas nesses espaços familiares das pequenas cidades e seus/suas cidadãos/ãs, de que modo elas foram impactadas e modificadas.

A preocupação tem gerado debates em torno da mudança das relações entre os indivíduos e os espaços públicos com a perda da identidade e da topofilia construídas ao longo da história nessas cidades interioranas. Gomes (2018, p. 116) evidencia que não é a denominação de público que torna os espaços diversos, mas a troca de experiências e relações nos mesmos. Visto que é nestes espaços que “eles garantem as bases de uma vida em comum entre indivíduos autônomos e independentes que, em tese, não se conhecem e não dispõem de outros laços”.

As vivências nos centros urbanos menores são potencializadas devido à relação com o lugar e outros/as frequentadores/as ser mais constante, pois se conhecem, se constrói uma identidade e ligação ao longo do tempo. Nesse momento, é desenvolvido um sentimento de pertencimento e de topofilia, denominado por Tuan (2012) enquanto elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. As significâncias se tornam ainda mais complexas quando se identifica sentimentos e simbologias ao lugar, para que assim se possa conceituar e definir o que de fato é espaço público.

Um espaço público é formado de elementos que se relacionam diretamente com a

vida pública: é o lugar onde as questões da convivência são apresentadas, tomam forma, possuem uma dimensão pública e são resolvidas. Do ponto de vista físico, são exemplos de espaços públicos o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer espacialidade em que não haja restrições à possibilidade de acesso e participação de qualquer sujeito.

A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem. Dizer isso não significa, entretanto, dizer que elas são determinadas, de uma vez por todas, pelos sistemas discursivos e simbólicos que lhes dão definição (SILVA, 2009, p. 78).

É por meio da construção da identidade pública entre os cidadãos e cidadãs que são constituídas as vivências, fato este que é interpretado por meio do simbolismo e da cultura (SILVA, 2009). Os espaços físicos desempenham um papel importante nessa relação, uma vez que é por meio deles que as ligações pessoais serão construídas. É importante enfatizar que os espaços públicos estão atrelados a uma perspectiva particular de lugar. Lugar este onde ocorre a troca de experiências, de sentimentos, memórias construídas e histórias formadas.

Nabozny (2012, p. 61) faz uma importante referência ao espaço geográfico, com base na sua interpretação do livro escrito por Dardel, em que, “seu sentido de localização que pressupõe um espaço de referência (lugar) onde se encontra e estabelece diversas relações. A concretude geográfica oferece símbolos aos movimentos humanos”. Corroborando com o fato que o espaço físico é uma ponte de intermédio para a constituição de relações.

Michel de Certeau (2014, apud SILVA, 2015) contribui ao refletir que os espaços possuem arcabouços históricos que são acumulados ao longo do tempo, os mesmos vão sendo ativados no decorrer da história, possuem simbologias e sentimentos implícitos. Que, mesmo sendo definido como estruturas físicas, os espaços públicos possuem muita significância, sentimentos e memórias vivas por meio dos/as frequentadores/as.

Serpa (2004) aponta a visão de dois autores que influenciaram no debate sobre os espaços públicos, Hannah Arendt e Jürgen Habermas contribuíram com teorias consistentes do que se trata os espaços denominados públicos nas cidades. Para estes autores, o espaço público trata tanto de um lugar onde ocorrem ações políticas como também de troca de subjetividades, em que todas e todos circulam livremente, se expressam com familiaridade com o lugar e com os outros grupos, dividindo suas geografias.

Os mesmos desempenham um protagonismo no que se refere ao mantimento de memórias vivas na vida dos/as usuários/as e integrantes da cidade em análise. Assim como

para contribuição de identidades coletivas e individuais, dado que, como bem sucinta Corrêa (2007), os sentimentos e símbolos estão intrinsecamente relacionados à arquitetura do lugar, no caso os espaços públicos.

Este trabalho teve por objetivo tecer reflexões sobre a dinâmica dos espaços públicos e sua importância para o mantimento de experiências e vivências no contexto urbano de Alagoinha/PB localizada na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB, enfatizando de que forma as transformações afetaram a relação do indivíduo com os lugares, levando em consideração o espaço particular dos indivíduos, dos recortes espaciais estudados.

Pensar sobre a situação dos espaços públicos em nosso cotidiano nos faz levantar alguns questionamentos, já que cada contexto possui em sua constituição todo um conjunto complexo de expressões, relações, conflitos, lógicas e dinâmicas a serem respondidos ao longo desta pesquisa. Uma questão principal se elucida: qual a situação atual dos espaços públicos enquanto expressões da questão urbana, com o exercício de pensamento para uma vivência cotidiana, dialógica e dinâmica da realidade?

Analisar os espaços públicos traz o exercício de se pensar as relações com o mundo vivido, laços de sociabilidade e civilidade, o contato com o “diferente”, o “outro” e suas visões frente aos fenômenos e processos que dizem respeito aos seus sujeitos e agentes, aqui incluindo habitantes e visitantes que utilizam ou são mediados espacialmente por tais geografia.

Abordar tais problemáticas da Geografia Urbana e Cultural partiu de um conjunto de inquietações presentes em nossa trajetória acadêmica e política: a necessidade de relacionar o pensamento geográfico, aprofundar e aplicá-lo enquanto perspectiva de interpretação da realidade das cidades nesse início de século; o papel que as abordagens, categorias e ideias da academia desempenham junto às espacialidades cotidianas e demais campos de atuação de geógrafos e geógrafas, bem como outros campos profissionais dessa ciência/saber.

Destacando que nesse espaço público, a impessoalidade é colocada como a possibilidade de encontros anônimos, civilizados e indiferentes, não significando que os sujeitos reunidos nesse contexto tenham a obrigação de convívio e sociabilidade profundas. Assim, o espaço público atual deve ser compreendido como uma instância que possibilita a reunião das diferenças, mas sem uma “idealização” de sociabilidade intensa: antes, deve ser colocado enquanto convívio civilizado dentro da sociedade moderna, indo mais além, pois cada espaço vai ser modificado ao longo do dia, desempenhando diversas funções.

A realização dessa pesquisa visa contribuir com a discussão dos espaços públicos em diálogo com as questões da cidade e do urbano, enfatizando a pluralidade cultural e potencialidade política desse recorte espacial, a vivência, os relatos cotidianos e a apreensão para com os rumos propostos às cidades nesses últimos tempos e suas contraditórias divergências dos pontos de vista espacial.

Para o desenvolvimento desta pesquisa e construção do trabalho acadêmico foi considerado partimos predominante mas não exclusivamente, do método de abordagem hermenêutico-fenomenológico, sob uma perspectiva que não negue outras correntes de pensamento que abordam as experiências e suas intersubjetividades, evitando o dogmatismo e buscando o diálogo. A abordagem de tal perspectiva se dá no plano do simbólico e das representações da dimensão espacial da realidade, na percepção das relações e experiências cotidianas em suas diversidades.

Os principais procedimentos metodológicos serão o levantamento bibliográfico (referente às áreas científicas de Geografia Urbana e Cultural, além de discussões afins e conceitos/categorias anteriormente colocadas), visitas in loco a alguns espaços públicos das cidades, como também a realização de entrevistas com frequentadores/as, transeuntes e demais usuários/as de tais espacialidades, com suas respectivas geografias, enfatizando o contexto local e as relações cotidianas. As entrevistas tiveram algumas perguntas embasadoras, não seguindo um roteiro de perguntas e respostas, buscando deixar os/as entrevistados/as mais confortáveis possível. Os relatos foram colhidos entre os dias 14 á 17 de junho de 2022, no total de 12 gravações, algumas com mais de uma pessoa relatando, não foi possível relatar a idade de nenhum dos/as entrevistados/as, mas em sua maioria os nomes foram disponibilizados.

Por fim, se fez necessário o registro fotográfico de vários objetos espaciais, além de representações cartográficas diversas dos contextos relacionados. Todo o material fotográfico mais antigo foi disponibilizado por uma única fonte, a mesma que montou todo o álbum entre os anos de 1995 e 2004, mas cada uma possui suas respectivas datas de retiradas ou uma base referente ao ano que foram captadas.

Em suma, esta monografia conta com dois capítulos, cujo primeiro onde aborda toda a questão teórica que embasa a pesquisa e que promove as discussões. O segundo capítulo aborda a pesquisa realizada em campo, como as análises realizadas a partir de imagens respostas provenientes das entrevistas. Cada capítulo interpela a perspectiva em que os espaços públicos desenvolvem um papel de grande importância para a sociedade como espacialidade de troca, convívio e vivências.

CAPÍTULO 1 - RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS PÚBLICOS, MEMÓRIA E GEOGRAFICIDADE

1.1 Conceituando espaços públicos

O conceito utilizado para os espaços públicos produz uma reflexão inquietante devido às suas significâncias para diversas vertentes do conhecimento. Para alguns estudiosos, os espaços públicos estão atrelados à produção da relação entre o indivíduo e o meio, criando subjetividades, já para os demais, eles são apenas um local, algo mais objetivo e sucinto, remetendo a sua estrutura física e componentes.

Todas estas vertentes vão proporcionar uma complexidade na conceituação do que tratamos como espaços públicos. Cosgrove (2014, p. 108 apud FERNANDES, 2016, p. 100) contribui para essa conceituação, ao afirmar que “todas as paisagens possuem significados simbólicos porque são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem”, ocorrendo da seguinte maneira: cada indivíduo vai ter sua própria definição sobre cada espaço de que é participante, devido às vivências e experimentações constituídas por cada um ao longo do tempo em que ele participou, criou e transformou o espaço ocupado.

A definição abordada por Cosgrove (2014) pode ser entendida como subjetiva, mas antes o conceito de espaço público era abordado de maneira mais direta, seguindo os métodos da ciência positivista ou neopositivista, onde o mesmo vai ser analisado com base nos “métodos quantitativos são priorizados, estando os adeptos destas abordagens, interessados unicamente na materialidade” (FERNANDES, 2016). Enfatizando o pensamento, Ascher (1995, apud NARCISO, 2009) faz uso do termo “espaço público” e o apresenta, pela primeira vez, por volta de 1977, através de um documento que fazia referência como um espaço onde há presença da natureza, também área de lazer e com alguns resquícios antrópicos como as ruas calçadas e onde as paisagens urbanas estão em ênfase.

Foi a partir da década de 1970, quando se desenvolveram os estudos da corrente humanística: o lugar foi elevado à posição de categoria-chave para a compreensão dos sentimentos espaciais, segundo a experiência vivida (SILVA, 2015), desde o momento em que se descreve os espaços públicos com toda a sua carga de significâncias, sentimentos e identidades, o enxergamos através do conceito de lugar. Trazer a definição de espaços públicos pode ser algo complexo, devido às significâncias que cada indivíduo possui de um mesmo lugar. Todos estão repletos de simbologias, sentimentos de bem querer e desempenham o papel de lugar para cada cidadão/ã da cidade.

As relações de espaço e lugar. Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. "Espaço" é mais abstrato do que "lugar". O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As idéias de "espaço" e "lugar" não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 07).

Sendo assim, para entender essa importância é preciso tratá-los de acordo com o conceito de lugar: onde há troca de experiências sociais e afetivas, podemos afirmar que a amplitude do que são espaços públicos se torna bastante profunda. Em cidades interioranas do Nordeste brasileiro, as relações com os lugares são bastante estreitas, as conexões topofílicas desempenhadas por anos de convivência tornam a definição da sua importância intrincada e carregada de sentimentalismo. "Espaço público que é um lugar no sentido imaterial e material, ou seja, que os princípios e condições vistos como necessários por tal dinâmica sejam também atributos do espaço físico e material" (GOMES, 2010, p. 161).

Os espaços públicos são recortes do todo retrato da cidade, em que a mesma exerce um papel no quesito de estímulo às relações sociais. Referente a este pensamento, Oliva (2005, p. 73) expõe que "a cidade por sua vez é um conjunto de máxima concentração e de máxima diversidade de objetos geográficos que favorece e acomoda grandes contingentes populacionais em distância mínima e atua como estimuladora de relações sociais".

Porém, Gomes (2018, p. 116) ressalta que geralmente não é a denominação de público que torna os espaços públicos, porquanto é preciso se ter alguns fatores que são determinantes, como "os princípios que estruturam as interações entre as pessoas. Eles garantem as bases de uma vida em comum entre indivíduos autônomos e independentes que, em tese, não se conhecem e não dispõem de outros laços". Desta maneira, a junção de alguns indivíduos não determina um espaço público, mas um grupo de pessoas distintas.

O espaço público é, nas sociedades contemporâneas, a condição essencial para a experiência das individualidades vividas em uma coletividade plural. Entende-se, dessa forma, o papel e a necessidade da existência e do funcionamento dessa espacialidade para a plena democracia. Sendo um lugar onde é perceptível o diálogo, encontro e a troca de experiências.

Salientando também os sujeitos ativos, que dispõem de um papel importante, quando tratamos sobre espacialidades públicas, pois são forjadores de suas identidades, suas consciências de si mesmos, interagindo com o contexto de suas ações. Nessa abordagem, os sujeitos e os lugares tornam-se tão intimamente ligados que eles se condicionam

reciprocamente. Insistimos sobre o potencial ativo do sujeito, na medida em que a transformação do mundo também o transforma, no lugar, expressando a categoria filosófica do trabalho e também o par constituído entre singularidade e universalidade.

Ao tratar espaços públicos na óptica da geografia humanística e não através das lentes da ciência positivista, passamos a entender a perspectiva do conceito “lugar” retratada pela geografia humanística, dado que ela descreve e nasceu das experiências sociais, incluindo, de tal forma, tudo que é fruto dessa definição como as vivências e experiências constituídas por cada um. A identidade de cada lugar vai possuir uma dinâmica diferente com seus/suas frequentadores/as, devido a prática desenvolvida por cada um/a ao longo dos anos de contato. Constituindo, de tal modo, uma história e uma geografia a serem reveladas por meio de memórias e lembranças atreladas a cada espaço frequentado e nos quais estabeleceu vínculos.

Corrêa (2010) evidencia que as cidades são uma vitrine dos status sociais. Simbolicamente, a cidade é dividida da seguinte maneira: os locais de melhor acesso e mais centralizados são das elites, ao redor se encontra a chamada classe média e, na periferia, as camadas populares. Se aplicarmos a sua visão às formas como os espaços públicos estão destruídos, entenderemos como os espaços que disponibilizam as melhores condições e utilidades sempre se encontraram nas centralidades.

É dentro da desenvoltura de cada cidade interiorana que cada espaço público vai se apresentar de forma diferenciada no cotidiano dos/as cidadãos/ãs, na medida em que o lugar se apresentar centralizado e com mais funcionalidades, o seu público será mais frequente. Essa dinâmica pode acontecer de maneira oposta, quanto mais afastados e sem tantas atratividades, a frequência do público pode ser quase nula. Sobre esta dinâmica, é possível afirmar que

Não só a qualidade do espaço público e a mistura de funções que ocorre no espaço urbano influenciam o modo como este é utilizado pelas pessoas, como, por outro lado também observam diferentes comportamentos destas em função do tipo de actividade que pretendem realizar no espaço público, o que, por sua vez, conduz à maior utilização de esses espaços em detrimento de outros, em função das suas características físicas e urbanas e da posição que ocupam na rede de ligações urbanas que asseguram (SERDOURA; SILVA, 2006, p. 12).

Toda cidade possui espaços públicos que correspondem à imagem social da própria cidade e da população, já que por meio deles ocorre a socialização e comunicação que refletem sobre a diversidade social daquela sociedade (GOMES, 2010, p. 164). Deste modo, embasando mais uma vez a importância dos espaços públicos para o mantimento desta troca social, que ao mesmo tempo evolui ou não, conforme as mudanças que há no espaço urbano e na estrutura dos espaços públicos.

Consideramos que a espacialização geográfica é concreta e atualiza o próprio sujeito em sua existência, em que homens e mulheres se superam e se evadem, comportando ainda uma temporalização, uma história, um acontecimento. A geografia é para além de um conhecimento, a realidade geográfica não é só um “objeto”, e o espaço geográfico é mais que um “espaço em branco a ser rabiscado e colorido”. A ciência geográfica parte do princípio que o mundo seja conhecido espacialmente, que a humanidade se sinta e se saiba ligada ao planeta, como ser chamado a se realizar em sua condição terrestre.

A cultura pública não exige a renúncia das diferenças individuais, pois são frutos diretos de uma sociedade civil firmada entre partes, entre diferentes, longe de uma mera coesão pela identidade. Uma perspectiva geográfica sobre o espaço público considera não só sua configuração física, mas, também, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que lá ocorrem. Funda-se como um conjunto indissociável das formas acrescidas das práticas sociais.

Cada espaço é vivido individualmente por cada um/a, construindo e transformando suas paisagens culturais, da mesma forma acontece com os espaços públicos: cada um/a vai vivê-lo de uma maneira e assim constituirá uma história com aquele espaço, podendo transformá-lo como também serem transformados por eles, como igualmente serem esquecidos ao pesarem os anos e as novidades ocuparem seus espaços. Assim o espaço é modificado diante da visão da Geografia Cultural.

Os espaços públicos como espelho da cidade, além de interpretarem um papel de apaziguador das diferenças, contribuiria para que seu real objetivo fosse alcançado como centro urbano. Tornar possível viver com as discrepâncias sociais e aprender com as tais ao ser confrontado com as mesmas em espaços públicos, se aproximando assim de cidade com urbanidade de proporções éticas, promovendo o convívio com as diferenças.

Perante o exposto e conforme Oliva (2005, p. 74), “o espaço público se define pelo fato de não estar submetido a nenhum poder despótico”, contribuindo para que possamos compreendê-lo como espaço onde todos/as desfrutam de igualdade, que não deve haver nenhuma barreira que faça essa limitação, caso haja, surge desse modo o espaço privado (OLIVA, 2005). Essa dualidade vai um pouco além da definição: se não é para todos/as, torna-se privado, mas é um primeiro passo para privatização, já que não se encontra um meio termo, se não convém que todos/as desfrutem das funcionalidades do público em seu cotidiano, se o beneficiário maior é algum poder privado.

1.1.1 Conflitos entre o público e o privado

As discussões já levantadas sobre a relação humana com os espaços públicos, a sua relevância e importância para as vivências e experiências neles remeteram de forma direta que os mesmos estão ligados às transformações nos espaços urbanos ao qual estão inseridos, abrindo um leque de possibilidades para seus indivíduos e sofrendo interferências de todas as esferas que contribuem para a formação do espaço, como economia, política, cultura e dos próprios grupos sociais.

O espaço possui, assim como abordado por Lefebvre (1991, apud PASSOS, 2014, p. 81), três formas para a sua produção social, que são espaço concebido, percebido e vivido. Ambos vão se manifestar dentro dos espaços públicos por meio das relações humanas desenvolvidas por disputas, sentimentos e experiências com o lugar.

Ao suscitar o viés sobre controle dos espaços públicos, remetemos a questão da privatização como também a desvalorização recorrente nos últimos anos. O discurso sobre inovação dos ambientes degradados é algo muito pregado, porém traz consigo o agravamento da segregação entre os grupos sociais e a marginalização das expressões culturais ocorridas em tais.

Arantes (2021, p. 05) reflete sobre o caso da privatização dos espaços públicos: “nos últimos anos os processos de privatização urbana têm se aprofundado, especialmente devido à proliferação de enclaves fortificados”. Os enclaves fortificados tratados pelo autor fazem referência de locais públicos com segurança, onde são erguidos muros, entrando em cheque até a denominação do que é definido como público, lugar aberto onde todos e todas podem ter livre acesso.

Os espaços públicos, caracterizados por ter livre acesso a todos/as, passaram a aderir novas características do cercamento e da fortificação alegando proteção contra os próprios grupos frequentadores. À medida que os espaços caracterizados por ter acesso livre passam a perder um dos seus principais atributos como força motriz para socialização de diferentes grupos sociais, as consequências passam a tomar outras proporções, não só o espaço físico vai sofrer modificações, mas, também, a dinâmica social.

Os grupos que passam a frequentar os espaços públicos tornam-se semelhantes e os demais (que não se adequam ao padrão) são marginalizados, causando uma homogeneização da dinâmica social e cultural. Como resultado, os espaços públicos passaram a aglutinar as peculiaridades que antes eram aplicadas aos loteamentos habitacionais nas funções urbanas, alimentando a desvalorização dos locais públicos, devido às influências na conformação do espaço da cidade (ARANTES, 2021).

A inteligência não respira e não prolifera em ambientes onde predominam os padrões (a uniformidade de pensamento) que são sempre muito constrangedores. Quando essa produtividade potencial da cidade decai, são as práticas anti-cidade, marcadas pela segregação e uniformização que estão operando e rebaixando a urbanidade (OLIVA, 2005, p. 74).

É importante destacar que essa situação promove e funciona como subterfúgio para se evitar o contato com classes sociais inferiores, denominadas como marginais, barulhentas, sem educação, baixas e violentas, fazendo distinção por marcadores de classe, étnico-racial, orientação sexual, estilo, preferência musical etc. Posto isto, é necessária a proteção não só nas cercanias dos bairros, mas nos espaços públicos, evitando de vez as suas entradas.

Como forma de atrair os grandes conglomerados de empresas para investimento de reformas nos espaços públicos, o artifício utilizado é a recuperação cultural ou uso de exposições dos mesmos nesses locais, como meio de atrair um público exclusivo. Criando, “dessa maneira, barreiras sociais invisíveis entre os grupos que antes faziam parte daquele local, como também tornando-o restrito ao mercado privado que investiu na restauração do espaço, para que eles/elas tenham retorno do que aplicou” (PASSOS, 2014, p. 87).

Segundo Caldeira (2000, p. 196), “a proteção buscada nos enclaves fortificados ou na evitação dos espaços públicos não se deve apenas à violência, mas também reflete o desejo de não ser incomodado, de manter-se longe dos considerados indesejáveis, da *underclass*, dos párias urbanos”. Assim, as barreiras sociais, culturais e econômicas só são fortalecidas. Serpa (2003, p. 125, apud ARANTES, 2021, p. 07) se posiciona da seguinte maneira: “cercar praças é decretar definitivamente a morte destes espaços públicos de uso coletivo. Não podemos pensar num Campo Grande com gradil, como se aquela praça pertencesse apenas aos moradores do entorno”.

Caminha, desta forma, para um possível fim dos espaços denominados públicos, funcionando como um efeito dominó: o que para muitos são melhorias, para outros desfavorecidos é o começo do fim de expressões culturais, exclusão social, lembranças e nostalgias as quais foram construídas pelas vivências e experimentações destes espaços compartilhados.

Salienta-se assim, uma ação tão arcaica como o preconceito em um lugar onde a diversificação cultural é tão vigente, ou pelo menos era até o surgimento dos enclaves fortalecidos acarretando, assim, não só a segregação mas a evitar os espaços públicos, por grupos de classe média alta que procuram afastar-se dos/as indesejáveis suburbanos/as.

A crescente valorização dos espaços privados e o abandono e evitação dos espaços públicos é uma das marcas da dinâmica urbana contemporânea. Não obstante, apesar dessas tendências, não se pode dizer que tais processos anularam os usos dos

espaços públicos nesta cidade, já que essa prática continua existindo entre diversos grupos (ARANTES, 2021, p. 9).

Dentro da Geografia, têm surgido muitos debates sobre as mudanças relacionadas com urbano e os espaços públicos, principalmente nos países subdesenvolvidos onde essa discrepância é maior devido as suas desigualdades serem maiores, como ambos se influenciam de modo que quanto mais modificados e evoluídos os centros urbanos, maior a mudança dos espaços públicos neles inseridos, sobretudo a influência nos grupos ativos. Entra em questão: como e qual será a funcionalidade exercida pelos espaços públicos diante destas modificações, já que os espaços públicos são considerados locais de ação política (SERPA, 2008)?

Afirma, da seguinte forma, as características do modelo de produção e reprodução capitalista, Serpa (2008, p. 174) “nas cidades contemporâneas, com o processo de incorporação dos espaços públicos urbanos como mercadorias para o consumo”. Com as transformações físicas dos espaços públicos, são atreladas novas funcionalidades comerciais, por consequência para a proteção de indivíduos violentos a fortificação é necessária.

No instante em que o modo capitalista se instala nas esferas públicas, o conceito original de público começa a tomar outro sentido e outros significados, pois suas características são modificadas e passa a apresentar características atípicas, como evidencia Serpa (2004, p. 23): “A partir do momento em que as leis do mercado, que dominam a esfera dos negócios e do trabalho, penetram também na vida privada dos indivíduos, ‘reunidos’ artificialmente em um ‘espaço público’, a capacidade de julgamento (a razão) tende a transformar-se em consumo”.

Hernandez (2014, p. 84) salienta que “os espaços públicos constituem a fonte de vida da cidade, neles temos a chance de experimentar o verdadeiro significado da palavra cidadania”. De tal forma, é notável que, com a fortificação dos parcelamentos urbanos em nome da segurança, o efeito sobre os grupos sociais e os cidadãos vai tomando contornos que ultrapassam e atinge até o limite do exercício da cidadania, sendo a mesma ponderada de uma responsabilidade referente ao que é comum a todos/as.

À medida que o fluxo de uma rua ou local público se torna maior, da mesma maneira a segurança ofertada por ela aumenta: não necessariamente as pessoas que circulam trocam relações, porém de certo modo ambos estão constituindo uma identidade pública. Em ênfase, Hernandez (2014, p. 85) relata:

Cada vez que o Município aprova um loteamento fechado, ele aceita que essa nova expansão urbana seja desprovida de arruamento e áreas destinadas ao lazer, porque todo o sistema viário do loteamento fechado será de uso exclusivo dos moradores,

assim como as áreas vocacionadas ao lazer. Privar a cidade de espaços públicos é andar na contramão da sustentabilidade urbana.

Portanto, a autora corrobora que, de fato, há uma fortificação em nome da segurança, que pode não só prejudicar o fazer social dos espaços públicos, mas dos próprios sujeitos como também dos espaços públicos. Pois, à medida que se parcela o espaço urbano ele deve ter o intuito de colaborar para o desenvolvimento das relações sociais, como desempenhar um papel que fortaleça as relações dos indivíduos com o lugar e os espaços denominados públicos, ao invés de alargar as fronteiras que diferenciam as classes sociais.

A partir do momento que surge a fortificação em cidades de pequeno porte como também nas de grandes portes o caráter do que é público começa a ser modificado, como também a atuação dos/das cidadãos/ãs na vida pública (CALDEIRA, 2000). Deste modo, toda a dinâmica envolvendo os indivíduos e suas funções nos espaços públicos é modificada e o caráter que o distinguia dos demais espaço se torna um fator agravante para a segregação social, que são as diferenças. De certo, a nova forma de segregar os grupos é a busca da homogeneização entre eles.

Caldeira (2000), durante toda a sua pesquisa, ressalta que na medida em que as cidades crescem em extensão e população, a diversidade entre os grupos sociais se torna maior, da mesma forma, as diferenças entre eles, porém Hernandez (2014) questiona o fato de isolamento em nome da segurança dos condomínios, que o efeito acaba sendo inverso. Quanto maior a movimentação e as pequenas trocas entre os indivíduos com o lugar mais seguro ele se torna, devido à construção de uma identidade pública.

Os espaços assim requalificados atendem sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização. A diferença, ante as formas anteriores do meio geográfico, vem da lógica global que acaba por se impor a todos os territórios e a cada território como um todo (SANTOS, 2004, p. 160)

As pequenas cidades do interior acabaram se tornando destino e refúgio do estresse diário dos grandes centros urbanos. As propagandas das agências de viagens vendem no interior uma experiência com a natureza um subterfúgio de paz que se compra com um final de semana. Tornando a busca e o tráfego para as pequenas cidades cada vez maior. Assim sendo, o turismo é usado não apenas como indulto para privatizar áreas naturais e espaços de uso público, como possui a utilidade social que beneficia a economia local, porém só afasta o homem das suas vivências sociais e das relações com o próximo (TUAN, 2012); à vista disso, é que se o afastamento entre os indivíduos locais e os espaços públicos, de convívio diário,

cada vez só aumenta, pois com as revitalizações para o turismo, grande parte dos residentes vão sendo impedidos de desfrutar das novas funcionalidades do local.

1.2 A importância da memória

Ao refletir sobre a importância de um espaço público e toda a sua estrutura física, é relevante trazer à tona de que maneira os indivíduos constituíram suas histórias como também qual a dialética trazida pelo local, como lugar de vivência ao longo do tempo. É por meio das lembranças e memórias afetivas que se torna possível resgatar um pouco da história dos espaços públicos mais antigos de uma cidade, os depoimentos fazem ressurgir entre os mais velhos seus momentos nostálgicos e vivenciar sentimentos adormecidos.

É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido. Cresce a nitidez e o número das imagens de outrora, e esta faculdade de lembrar exige um espírito desperto, a capacidade de não confundir a vida atual com a que passou, de reconhecer as lembranças e opô-las às imagens de agora (BOSI, 1994, p. 81).

A supracitada salienta que o momento de enaltecer as memórias é chegado, não pode medo do esquecimento, mas porque o interesse surgiu e as lembranças precisam ser vivenciadas, porém só aqueles/as que tiverem coragem podem despertar seu espírito e não se pode confundir o agora com o que foi, saber distinguir e fazer a comparação com o antes e depois.

Após o êxtase de valorização do atual e do novo em nossa sociedade, aos poucos é perceptível que a busca pelo mantimento dos sentimentos tofílicos nos centros urbanos tem reaparecido como meio para o resgate de memórias urbanas. No que se refere ao interior do Nordeste brasileiro, em específico a Região Imediata de Guarabira/PB, esse modo tem surgido, de forma mais lenta e não em todos os aspectos, mais voltado para tradições culturais.

A memória, como espécie de liga que mantém o espírito dos lugares vivos, nos conta uma bela história, mostra um vislumbre dos “dias de glória” não só de quem viveu, mas também do local. Essa valorização é remetida ao saudosismo e respeito ao passado. De certo modo, resgatar a memória faz-nos refletir e contrastar sobre o lugar analisado, na situação, os espaços públicos.

A situação hoje é diferente. O passado das cidades brasileiras está sendo revalorizado e a preservação/recuperação/restauração do que sobrou das paisagens urbanas anteriores é um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes, destacando-se aí os governos municipais. Mesmo cidades relativamente novas já adotam a prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história (ABREU, 1998, p. 9).

O resgate e a valorização da memória como a simbologia aplicada aos lugares que ergueram uma história, contribuíram para que a situação hoje fosse diferente, porém em toda regra há uma exceção, visto que nem em todos os centros urbanos essa revolução em busca de reviver o passado é feita, em algumas cidades a antiga ideologia de vangloriar o novo ainda é muito pregada.

“As memórias estão, de fato, inscritas em lugares determinados”. Silva (2015, p. 29) enfatiza desta maneira que, independentemente do local, ele sempre vai contar uma história para aqueles que vivenciaram. Quando relacionamos as memórias com os espaços públicos dos centros urbanos menores, pode-se assim, compreender seu papel como elo de ligação com a história desses lugares. Para os mais antigos, elas desempenham a função de conservar momentos e sentimentos, vivenciados em lugares públicos.

Compreende-se, logo, que tratar de vivências e experiências nos espaços públicos é buscar através das recordações relatos antes esquecidos com o decorrer dos anos e resgatar um pouco do sentimentalismo perdido, para assim entender como as estruturas dos espaços públicos, como também os seus frequentadores possuem uma larga narração a ser explanada.

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram (ABREU, 1998, p. 11).

Sendo assim, se faz notória a importância da investigação dos relatos de vivências dos mais antigos, para que, desse modo, possa se demonstrar de que maneira os espaços públicos e os/as indivíduos/as frequentadores/as possuem um elo no qual estão intrinsecamente trocando partes da sua história, por intermédio da memória afetiva, topofílica e das lembranças individuais e coletivas.

As lembranças relacionadas a um lugar ao qual constituímos uma história possui seu viés individual, mas quando nos referimos a um lugar público, a mesma se torna coletiva como também podem desenvolver o mesmo sentimentalismo entre os grupos que partilharam momentos em um espaço público, onde a troca de experiências e vivências são mais profundas. “A paisagem é um elemento da ciência geográfica capaz de desencadear emoções, sensações, lembranças. Não obstante, não é a paisagem que as ocasiona, mas a estreita união, orgânica e afetiva, que com ela estabelecemos”, como reflete Fortunato (2016, p. 218).

Quando se abordam espaços abertos ao público, com diferenças desde o modo de se vestir à maneira de se comportar, as memórias colecionadas por estes indivíduos mesmo que com suas diferenciações resultam quase sempre em nostalgia e afetividade. No interior do Nordeste, em cidades onde os círculos sociais são mais estreitos, tais sentimentos são mais

coletivos que individuais. “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411).

O modo pelo qual podemos concretizar os relatos memoráveis e as lembranças afetivas é por meio dos registros, documentos e imagens, que funcionam como meio para eternizar os momentos e transformar as memórias coletivas em história (ABREU, 1998), possibilitando-nos uma chance de apresentar o contexto dos relatos vividos nos espaços públicos analisados.

“Adotamos os referenciais espaciais para o apoio e fixação da memória, os lugares são como âncoras para as lembranças” (SILVA, 2015, p. 30), destarte que assim demonstra a necessidade de se ter um espaço físico, compartilhado para se manter as memórias, no que se refere aos espaços públicos como lugares de alternância de vivências do cotidiano comum, os mesmos desempenham uma atribuição de grande dimensão como estrutura física para ancorar seus momentos vividos naquele espaço coletivo.

Porém, para se obter uma função de um grau de importância tão grande, não basta se ter um espaço público de belas estruturas sem a presença do sujeito subjetivo para construir suas memórias, sobre isto os mesmos não teriam valor algum, fato tal que vêm ocorrendo, quando se observa as novas gerações que não vivem estes espaços públicos com uma extensão de suas lembranças, não é feito esse elo por meio dos relatos dos mais velhos.

A cidade como um todo é um lugar de memórias colecionadas ao longo do tempo de sua existência, algumas diferentes das outras que, juntas, dão uma base para a história da cidade. As mesmas, com a passagem do tempo, podem ter se perdido por não serem registradas, mas seus fragmentos ainda estão vivos na mente de quem as viveu.

Dessa forma, é notável que os espaços públicos ao serem analisados trarão um grande arcabouço de memórias, muitas que não foram registradas, mais que contribuirão de maneira significativa para a pesquisa e para ressurgimento da história desses lugares um pouco esquecida pelos mais jovens, resgatando sentimentos e afetividade de parte da cidade, que ainda vive na memória de muitos.

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos), e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade (ABREU, 1998, p. 15).

Quando nos referimos aos espaços públicos e o resgate das memórias construídas nesses lugares, é possível também preservar a identidade estabelecida por muitos nesses

espaços e que vem se perdendo à medida que os mesmos estão sendo esquecidos. A recuperação e recordação de algumas memórias podem fazer com que se tenha um pouco mais de ênfase para os espaços públicos e de que modo eles também fazem parte da história da cidade.

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte (BOSI, 1994, p. 82).

Buscar o que cada espaço público significou e de que maneira eles auxiliaram na partilha de vivências e quais experiências foram traçadas por meio das suas estruturas, faz nos remeter que o viver nos proporciona uma releitura do espaço urbano, aprender como foi formada diversos estilos em diferentes tempos e contadas de diversas maneiras e como o lugar marcou cada um desses relatos vividos, do mesmo jeito que emprazou os lugares-espaços públicos (SILVA, 2015).

Salientando que as memórias constituídas em nossas mentes nunca nos deixam, mesmo que fragmentadas com o passar do tempo. Assim como Certeau e Giard corroboram ao descrever que “nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco” (2008, p. 207). Quando estabelecida uma ligação profunda com espaço, as lembranças nos acompanham através do tempo.

As memórias estão entalhadas no espaço, onde o tempo pode ser traduzido por intermédio dos lugares. Assim, os espaços públicos como lugares de vivências perpassam os limites dos momentos de glória e se tornam, verídicos vislumbres atualizados do que um dia foi os mesmos, para aqueles/as que os recordam com nostalgia e saudades. Revelando, deste modo, que para se resgatar a memória do lugar é preciso retroceder um pouco e buscar na história do e no lugar.

As identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mas o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma "identidade" em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2009, p. 109).

Um dos pilares para a sustentação da relação do ser humano com estes espaços é a identidade, constituída ao longo do tempo em lugares históricos (HALL, 2009) pelas/as

frequentadores/as com o lugar e a formação de memórias. Leite (1998) e Passos (2014) ressaltam que a identidade do e com os espaços públicos contribui para a valorização, atrelamento de valores, como também controle cultural do espaço, para possíveis inovações. Assim, é vinculado às memórias o importante papel de manter e constituir as mesmas entre os espaços e as pessoas que os frequentam.

Entende-se, deste modo, que a valorização e o resgate da memória dos espaços públicos no interior do Nordeste brasileiro é algo que proporciona um olhar mais delicado para a história desses lugares e de que forma eles participaram e contribuíram para construção das memórias individuais e coletivas de seus/suas indivíduos/as que os frequentaram em diferentes momentos. Compreende-se que os espaços públicos como lugares de vivências e experiências, podem despertar e expor memórias e histórias em cada cidadão/ã.

1.3 Compreendendo a geograficidade

Proferir sobre geograficidade é retratar sobre a relação do ser humano com o espaço que ele ocupa, mas não de maneira objetiva, uma vez que o conceito é bastante conhecido por defender a subjetividade agregada a este relacionamento de troca mútua. “É a esta relação concreta e interessada entre homem e Terra que Dardel destaca como alicerce daquilo que denominou por geograficidade, conceito fundamental de seu pensamento” (DAVIM, 2016, p. 249).

O livro onde se vê pela primeira vez o termo foi escrito por Eric Dardel e publicado no ano de 1952, porém só foi traduzido para o português e chegou ao Brasil em 2011. O mesmo tem por título “O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica”, em que o supracitado autor, por meio dos seus escritos, relembra o apego e a curiosidade do ser humano pela Terra e a vontade de conhecê-la, como na época das navegações.

Na procura de ressurgir esse sentimento por meio da Geografia humanística, o autor conceitua a geograficidade como resultado da leitura feita pelo ser humano da Terra ou do espaço que ele ocupa. Para o mesmo, a Terra funciona como um texto cheio de simbologias que precisa ser traduzido pelos/as geógrafos/as, por intermédio dessa interpretação a possibilidade de compreensão dos sentimentos, afetividades e apego ao lugar passe a fazer sentidos, visto que cada indivíduo possui sua geograficidade e modo de viver e entender o lugar.

Retratar a paisagem ultrapassa o simples ato de catalogar o que a visão alcança, é preciso sentir com todos os demais sentidos, para que, desta maneira as subjetividades do indivíduo tomem forma e sejam caracterizadas. Cada lugar é visto e sentido de maneira

individual, podendo ser compartilhado por meio de algumas estruturas físicas com outros indivíduos. Dardel vai além, ao defender que não estejamos presos à descrição visual de um espaço, que devemos mergulhar e fazer uso de todos os nossos sentidos (FORTUNATO, 2016, p. 218).

A realidade geográfica é, para o sujeito, o contexto onde ele se encontra, os lugares de sua infância, o espaço que atrai sua presença. Chãos que ele pisa ou onde ele trabalha, o horizonte do seu vale ou ainda a sua rua, o seu bairro, sua movimentação cotidiana pela cidade. O espaço terrestre surge como o firmamento da realização de toda realidade histórica, “dando-lhe corpo” e situando cada existente ao seu lugar. A Terra estabiliza a existência, no ritmo cotidiano, trazendo uma ideia de repouso e de suavidade que modera sua inquietude e sua tensão. Temos exemplos de calma e equilíbrio nas grandes planícies, nas montanhas e no mar, no trabalho com a terra, na vegetação e nos ciclos da vida orgânica (DARDEL, 2015).

A similaridade entre Yi-Fu Tuan e Eric Dardel só enriquece nosso embasamento que os espaços públicos suplantam a ideia de localização abertas ao público, com regras a serem seguidas por todos/as, a presença de vegetação. Ambos fazem uso da abordagem fenomenológica, mergulham na geografia cultural para tratar sobre as subjetividades presentes nos lugares e vividas pelas pessoas. Os dois manifestam seus pensamentos sobre a relação profunda do homem com a Terra/lugar, onde estabelecem laços, compartilham experiências e vivenciam momentos do cotidiano ou os que mais lhes marcou.

A partilha e a constituição da geograficidade, seja individual ou compartilhada, é retratada neste trabalho dentro dos espaços públicos, em locais abertos ou fechados. Vai desde a rua onde foi vivenciada a infância, a igreja que frequentou a vida inteira, independente se todos/as viveram o mesmo momento, cada um vai desenvolver uma geograficidade diferenciada, porquanto, cada um/a sentiu de modo distinto.

Expressar o que os sentidos humanos nos fazem sentir é algo poético e incompreensível para muitos¹, que durante diversos não entendiam tal complexidade e busca de Dardel por compreender e resgatar algo tão subjetivo, como o bem querer ao espaço geográfico e suas concretudes, que não passam de simples estrutura física onde não se pode agregar valores afetivos, diante de visões objetivas e simplistas.

À paisagem como desdobramento da ação humana sobre a Terra, registrando seu passado e seu presente. Por isso, esta linha de pensamento geográfico – a Geografia

¹ As subjetividades e sentimentos atrelados a um determinado lugar na maioria das vezes não poderão ser expressados de forma que todos/as enxergue na mesma perspectiva e modo a oralizar de modo que todos compreendam, a obra escrita por Dardel na época em que foi escrita não obteve tanto sucesso, pois alguns estudiosos não compreendiam a sua visão poética e subjetiva sobre este relacionamento entre o homem e o lugar (ADAMENAS; PIRES, 2020, p. 183-184).

Humanista – considera toda paisagem antropocêntrica, sendo, conforme assinalou Dardel (2011: 32), expressão da cultura é <parte integrante da geografia local como testemunhos de uma presença humana que dá sentido ao seu entorno>, pois <fala de um mundo onde o homem realiza sua existência como presença circumspecta e atarefada> (FORTUNATO, 2017, p. 218)

A citação faz referência à importância e indissociabilidade da Geografia e da cultura para formação do ser como indivíduo pensante capaz de expressar suas intersubjetividades e constituir uma identidade² afetiva com o espaço geográfico, relacionando com os espaços públicos, que se fazem presentes na vida rotineira dos/das cidadãos/ãs. O espaço público, deste modo, exerce e atua como reflexo da experiência humana, já que essa troca constante estabeleceu uma história com diferentes contribuições.

A geograficidade é a tradução do modo de ser de cada um/a no espaço em que o ser humano ocupa, funcionando como “o caminho temporal de um modo de ser (existência) pautado na interpretação, que transita entre homem e Terra, que por sua vez, estabelece como horizonte, base e esclarecimento para a fundação de diferentes concepções geográficas de mundo” (DAVIM, 2016, p. 251), sobre as geograficidades presentes em cada frequentador/a dos espaços geográficos.

O termo já citado até onde pode se recordar não foi algo construído aleatoriamente pelos estudiosos, mas em épocas e contextos diferentes já era pauta de discussões dentro da geografia e pelos geógrafos, como Paul Michotte em 1921, quando o termo surge fugindo da síntese imposta por alguns, mas o geógrafo belga buscava uma conexão profunda entre os sujeito-objeto e sua conectividade. Para ele, quando se tratava de geograficidade, "a ciência geográfica e os geógrafos, por sua vez, raramente punham em pauta esses temas, inviabilizando uma maior solidez na definição de um objeto” (ADAMENAS; PIRES, 2020, p. 182).

O segundo autor e geógrafo a utilizar e aprofundar-se no estudo sobre/da geograficidade, foi o referido Eric Dardel, o mesmo pode assim definir em sua obra que o conceito abordado “trata-se da ‘relação concreta’ indicada em O Homem e a Terra, aquela permeada por afetividade, e que permitiria ao ser humano envolver-se verdadeiramente com sua subjetividade” (ADAMENAS; PIRES, 2020, p. 185). O próprio, tornou o então conceito pouco compreendido, mais conhecido para os estudiosos.

² A identidade vai além do praticismo do que se é, ela reside tanto no passado quanto no presente de onde ela constantemente narra sobre a realidade de quem somos. “surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a "suturação à história" por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático” (HALL, 2009, p. 109).

Yves Lacoste, por fim, faz uma crítica aos geógrafos que delimitaram a geografia a um ponto onde conceitos já existentes como a geograficidade não eram pauta de pesquisa e discussões entre eles. O geógrafo faz uso da geograficidade em uma perspectiva diferente dos demais aqui citados, porquanto ele é usado para que o autor possa se redimir diante de uma obra escrita anteriormente. O que se pode concluir que a forma em que o termo foi usado vai além de um remissão, e a concepção toma rumos distintos dos anteriores.

Geograficidade no pensamento de Lacoste é estritamente relacionado ao aspecto histórico que o termo adquire. O campo de atuação do geógrafo – os fenômenos aos quais ele irá se reportar e analisar –, i.e., a geograficidade, é determinado por um conjunto amplo de fatores, que atravessam desde o contexto histórico em que se encontra a corporação, até o interesse de grupos, instituições e mesmo indivíduos que possam orbitar esta ciência, variando historicamente conforme o peso destes elementos, reorganizando enfim a prática profissional a ele atrelada (ADAMENAS; PIRES, 2020, p. 189)

Muitas dessas produções não alcançaram amplitude nas épocas em que foram escritas. Mas, atualmente tem tomado grandes proporções em diversos debates e enriquecido muitos trabalhos. A geograficidade pode ser entendida de diferentes maneiras, não é uma ideia capaz de ser sintetizada e objetivada, de acordo com alguns estudiosos, a supracitada não pode ser somente geográfica, mas é tão ampla que pode ser considerada nos campos da sociologia e da história também.

A geograficidade é um modo que traduz a relação de cada um, seja com a cidade, o lugar ou espaço público no qual foi estabelecido um relacionamento em seu cotidiano. Tratar sobre, é considerar todos os cenários, compreender em uma perspectiva que vai bem além do objetivo e sintetizado, é olhar com os olhos dos frequentadores, entender de que modo a estrutura física se tornou uma extensão de seu afeto, do bem querer. Desse modo, pode se ter um vislumbre da importância de cada espaço na vida das pessoas que viveram ou vivem nestes lugares.

O autor Eric Dardel proporcionou esse olhar mais sensível sobre a relação indivíduo-mundo, por intermédio da geograficidade. O espaço em si não é uma simples folha em branco, mas composto desde sentimentos, experiências e vivências, ele é percebido e vivido cotidianamente por cada frequentador/a. Para simplificar as palavras do citado anteriormente, Nascimento afirma através do conceito dardeliano que:

Ela é uma relação entre o ser humano e a Terra. O homem se entrelaça com o mundo; se compromete com ele. Assim, a humanidade é vocacionada ao mundo. Ele realiza seu destino nele. Eles – o ser humano e o mundo – têm um vínculo. Há um elo de caráter existencial: a geograficidade (NASCIMENTO, 2021, p. 49).

A relação do ser humano com o meio é de certo modo particular para cada um/a, à medida em que há uma troca constante entre os/as indivíduos/as e o lugar de afetividade uma

geograficidade é constituída, sendo assim, cada espaço público é carregado de diversas geograficidades, cada sujeito desenvolve um modo único de se sentir em determinados lugares, os mesmo podem desenvolver de pequenas a grandes participações nas histórias de vida das pessoas.

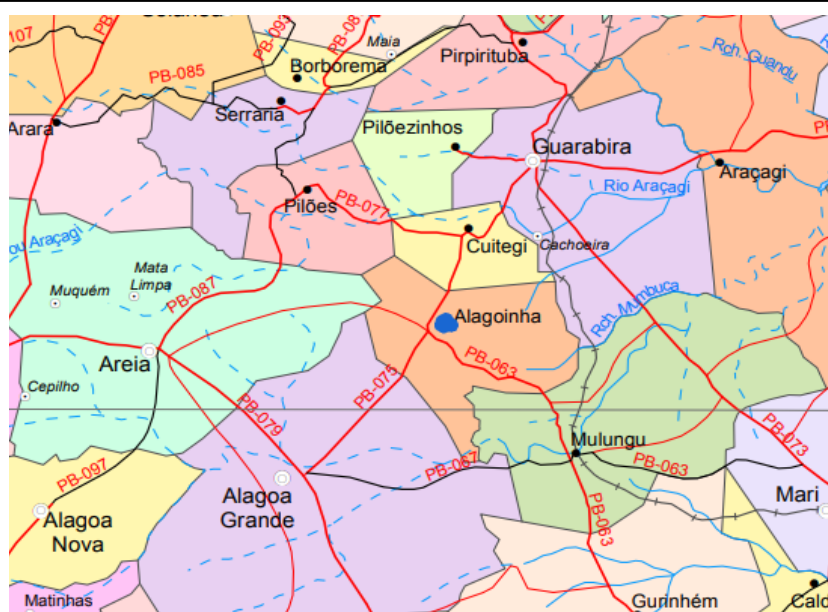
Dardel (2015) vai enfatizar através de seus escritos a complexidade poética, não compreendida por muitos estudiosos/as da época, mas que hoje é tão comentado e com uma percepção diferenciada, a interdisciplinaridade, mergulhar em outras fontes e linhas de pesquisas vai proporcionar um entendimento sobre o que o supracitado buscou mostrar ao falar sobre geograficidade, o sentimento, o frenesi e o papel desempenhado dos lugares na vida do homem, vai bem além de modificar o espaço, mas ser modificado por ele, como ser participante das vivências particulares.

Reafirmando desse modo que a geograficidade é um conceito sensível e abarcado de simbologia a serem interpretadas com uma sensibilidade subjetiva. Portanto, é notável explanar e estudar os espaços públicos dentro do conceito de geograficidade, para que dessa forma possamos compreender um pouco das vivências e das relações pessoais entre os grupos e com o espaço em si, de que modo se dá esse relacionamento que é capaz de despertar no sujeito sua vocação, como se formou esse vínculo, recorrendo a geograficidade esse feito seja possível.

CAPÍTULO 2 - VIVÊNCIAS A PARTIR DO ESPAÇO URBANO DE ALAGOINHA: reflexões sobre os espaços públicos

A escolha do respectivo município paraibano foi realizada em razão de sua localização na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB, consequentemente se justapondo à qualificação de cidade do interior. Há uma diversificação quando se fala das suas espacialidades públicas e, principalmente, historiográfica. A relação de tempo entre Alagoinha e o desenvolvimento territorial paraibano é distinta.

Imagem 01 - Mapa político dos municípios paraibanos, Alagoinha e seus limites



Fonte: IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Adaptação, Maria Eduarda da Silva Dantas (2022).

Alagoinha é uma cidade mais jovem, que tem avançado consideravelmente nos últimos anos, desde os quesitos econômicos, culturais como espacial. Ao analisar a cidade, ela se caracteriza por ser definida como de pequeno porte, sofrendo grande influência e certa dependência da cidade imediata de Guarabira que oferece serviços ainda indisponíveis no município. O município possui uma população estimada em torno de 14 mil habitantes (IBGE, 2021), (imagem 01) faz divisa com cidades como Cuitegi, Mulungu e Alagoa Grande.

Além de seu distrito sede, Alagoinha é composta de diversos aglomerados rurais, um distrito denominado Jacaré, algumas agrovilas e assentamentos rurais. Composta de todas as pessoas que ainda residem nesses lugares, a cidade tem dado um grande impulso, o que reflete na dinâmica espacial de um município em desenvolvimento, como na vida e nos espaços públicos.

Gomes (2010, p. 172) corrobora que os espaços públicos não é simplesmente um reflexo da sociedade como um todo, mas que o “espaço geográfico é, simultaneamente, o terreno onde as práticas sociais se exercem, a condição necessária para que elas existam e o quadro que as delimita e lhes dá sentido”, assim sendo que, todo o avanço envolvendo a cidade influencia diretamente na dinâmica do espaço urbano, em ênfase nos públicos, já que é neles onde o potencial para as práticas sociais são mais fortes, remetendo ao fator topofílico por se tratar de cidades de pequeno porte, onde as relações sociais são mais estreitas.

Cada espacialidade vai representar um trailer, parte da história completa de cada cidade, a medida que elas vão se desenvolvendo nos quesitos populacional, comercial e estrutural, os espaços públicos vão fazendo referências às partes do foi e do que é em dados momentos. Assim, a escolha dos lugares faz referência a uma fração da história das pessoas como da própria cidade.

As espacialidades aqui apresentadas fazem referência a diferentes perspectivas temporais de um mesmo lugar em pontos distintos da cidade de Alagoinha/PB, todos fazem alusão aos espaços abertos, mas lembrando-nos que o conceito de espaços públicos vai além da definição de espaços abertos ao público por livre acesso, como bem enfatiza Gomes (2010, p.159). Os respectivos lugares ao qual foi abordado durante a pesquisa, se encontram marcados com pontos azuis no mapa (imagem 02).

Definição largamente utilizada, ou seja, é público aquilo que não é privado, não parece ser muito apropriado. Esta definição não pode suprir nossas necessidades conceptuais e tampouco pode ser utilizada como uma forma prática de identificação. A ambigüidade de fronteiras assim delimitadas, somada ao fato de também existirem outros estatutos possíveis para o espaço, comum, coletivo etc., impede-nos de nos satisfazermos com esse tipo de raciocínio (GOMES, 2010, p. 159).

Imagem 02 - Mapa de localização dos espaços públicos abordados na pesquisa em Alagoinha



Fonte: Google Earth, 2022.

Os referentes espaços apontados são as praças Geraldo Beltrão, Alfredo Moura, Lia Beltrão e Durval Barbosa e a rua Governador José Américo. Todos os espaços supracitados desenvolvem a sociabilidade e a transformam em civilidade, abrindo um leque de possibilidades nestes espaços entre trocas e encontros, que evidencia o fator de sociedade civil, que é baseada em relações de tipologia contratual (GOMES, 2010, p. 163).

Para fazer a abordagem de cada ponto destes, a familiarização com a cidade contribuiu de maneira positiva, pois assim a circulação como a noção de quem os frequenta diariamente, levou a inquietação e investigação sobre o que Gomes (2010) salienta que os espaços públicos e a execução da cidadania humana andam em conjunto, pois é a ponte para manter as relações ativas entre os grupos sociais.

Dentre tantos espaços públicos existentes no município de Alagoinha, foram destacados quatro, onde em três foi possível fazer a relação de tempo a ser discutida adiante. É notável que todos estejam centralizados dentro da malha urbana, resquícios de seu modo de colonização. A cidade é considerada jovem se compararmos com os municípios circunvizinhos e da própria região imediata de Guarabira/PB (imagem 03). Todos escolhidos por expressarem as condições de civilidade, em cujo cotidiano “surge a possibilidade de diálogo e que se opera a transformação desse lugar de contato e de mistura em espaço público, terreno fundamental da vida social democrática” (GOMES, 2010, p. 164).



É importante frisar que a cidade de Alagoinha, na Paraíba, é nova em emancipação, porém a malha urbana como o potencial econômico tem avançado nos últimos anos.

Imagem 03 - Demarcação da malha urbana do município de Alagoinha/PB



Fonte: Google Earth, 2022.

Ao retratarmos sobre estas espacialidades do interior da Paraíba, buscamos resgatar como os espaços públicos, âmbito de vivências se encontram e como eles foram atingidos com a passagem do tempo, não só no quesito estrutural mais no social. Destacamos quatro espaços públicos a serem observados estes recortes de tempo na cidade de Alagoinha: Praça Geraldo Beltrão (imagens 04 e 05), antiga Praça João Pessoa.

<p>Imagem 04 - Antiga praça João Pessoa, início dos anos 1990</p>	<p>Imagem 05 - Atual praça Geraldo Beltrão</p>
	
<p>Fonte: Eginaldes Andrade Filho, início dos anos 1990.</p>	<p>Fonte: Maria Eduarda da Silva Dantas, 2022.</p>

É notável como as fotos contrastam e refletem a época em que foram retiradas. Do mesmo modo, seria a sua frequência no intervalo de tempo entre as imagens quatro e cinco, pois ambas refletem um tempo mais tranquilo, menos corrido, onde as famílias praticantes do catolicismo se reuniam para ir às missas, como era o ponto onde os jovens se reuniam para trocar algumas palavras. Por se tratar do centro comercial da cidade, lojas, supermercados, farmácias e alguns prédios públicos como a residência da prefeita, a movimentação durante o decorrer do dia é muito grande, mas só transitam pela praça Geraldo Beltrão.

A mudança do fluxo de pessoas durante a noite não interferiu no meu comércio, creio que várias pessoas já colocaram seus comércios lá (praça Durval Barbosa) e não deu certo fechou, só deu certo mais comércio de lanchonete. Queira ou não aqui é centro, comércios como lojas e supermercados estão aqui. O movimento lá em mais a noite, passamos lá, e quem vai para a tarde? É pouca gente (dona Lourdes, 14 de junho de 2022).

Moramos em frente a praça, há 50 anos. Sempre frequentamos a praça, nossos filhos brincavam. Continuo frequentando a praça mesmo após passar dos anos, durante a pandemia já não frequentava mais. Antes e agora vou todas as tardes, mas antes ia durante a tarde e pegava parte da noite. Um marco importante que a praça tinha era um obelisco (um pirulito), no centro da praça, na época do prefeito Edivaldo Pompeu, o mesmo foi demolido na gestão de Alcione Beltrão. Durante aquela época muita gente frequentava a praça. Gosto muito da praça. Manter os espaços públicos é importante para manter a memória viva. Esse espaço fez parte

do meu namoro, a gente vinha com as namoradas conversar, era ponto de encontro. Não fazíamos nada além de conversar (João Paulino da Silveira - senhor Joca e dona Zila - esposa, 14 de junho de 2022).

Este casal são moradores antigos, vizinhos da praça Geraldo Beltrão. Ao longo de tantos anos, eles acompanharam tantas modificações físicas deste quanto sociais. Em suas falas, foi possível identificar o sentimento de bem querer com este lugar. Os mesmos possuem um comércio que funciona há muitos anos, o que contribuiu para o acúmulo de recordações; ele já foi vereador da cidade e contribuiu para a construção da história local. O vínculo constituído por tantos anos quase foi enfraquecido após o período pandêmico, já que ele não interagia com outros senhores. Hoje, a frequência com o lugar é mais de senhores de idade avançada.

Todo dia nós vem para a praça, todo dia. Bem que a prefeita poderia arrumar mais a praça. O número do grupo era maior, só que já morreu um bocado, muita gente vinha para aqui durante as tardes, muitos velhos que vinha muitos já morreram, só tem esse pouco. Hoje a gente ainda vê gente na rua, a praça com um movimento, mas há quarenta, trinta anos, não se via um pé de gente. Moramos tudo longe, um em uma rua e outro na outra, nos encontramos todos aqui na praça. Todos nós somos filhos de Alagoinha/PB, eu vou fazer 80 anos (senhores Belarmino, José e Carlos [alguns senhores], 14 de junho de 2022).



O grupo que tem presença marcada todos os fins de tarde é composto de senhores de idade avançada, que vem de todas as ruas para se encontrar, trocar conversas. Alguns já não possuem uma saúde de qualidade, mas não deixam de ir, mesmo que seja para reclamar das coisas que veem incorretas, como na fala de um deles onde pede para que a autoridade da cidade melhore a qualidade do espaço ao qual eles desfrutam. O tempo “já levou” muitos deles, mas, como salienta Dardel (2015), o amor à terra natal, faz com que os indivíduos busquem melhores condições para a espacialidade, no caso a praça Geraldo Beltrão.

Atualmente, a prática de quem segue a religião continua a mesma, mas com o adendo da movimentação causada pelos comércios ao redor do espaço, alguns mais recentes, outros da época em que as primeiras fotos foram tiradas. Bem como o público frequentador, que já não é mais o mesmo, fora os eventos oferecidos pela igreja, é possível observar que as pessoas que mantêm um vínculo de vivências, são os idosos e os pais com crianças ao final das tardes.

Ainda nos referenciando ao que este contraste de tempo nos fornece, é possível notar que o número de pessoas que circulam devido ao uso dos serviços prestados pelos comércios são de grande proporção. Esta movimentação enriquece o espaço público, pois mesmo que seja por um breve momento existe uma troca de palavras, os reencontros inesperados agregam

valor ao espaço mencionado. Assim, como os moradores que ainda permanecem no mesmo local, independente da passagem dos anos.

A seguir, podemos analisar o que os anos ofereceram para outro espaço público escolhido, a praça Alfredo Moura (imagens 06 e 07): a mesma é tão antiga quanto a Geraldo Beltrão. Lugar onde muitos moradores e moradoras buscam manter suas memórias vivas e mostrar a importância do mesmo para seu cotidiano e alguns comércios que ainda permanecem ativos após a passagem do tempo.

Imagem 06 - Praça Alfredo Moura entre 1959 e 1970	Imagem 07 - Atual praça Alfredo Moura
 <p data-bbox="236 1146 801 1182">Fonte: Eginaldes Andrade Filho, entre 1959 e 1970.</p>	 <p data-bbox="928 1146 1417 1182">Fonte: Maria Eduarda da Silva Dantas, 2022.</p>

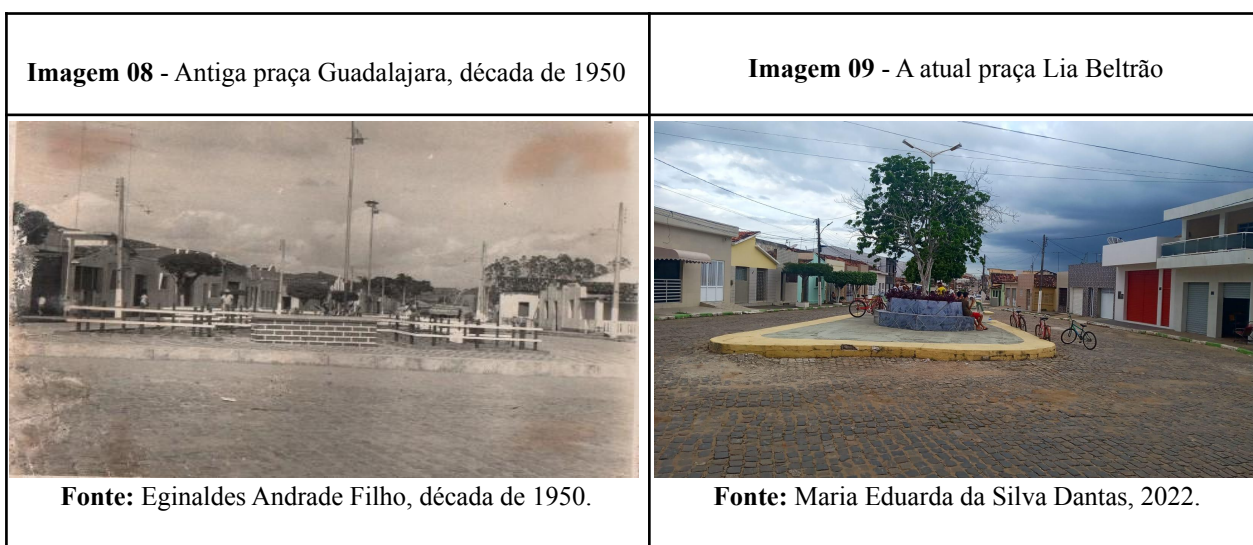
Esse lugar, nos últimos anos, foi palco do Raízes do Brejo, um roteiro cultural composto de diversas cidades da região imediata de Guarabira. Mas quando observamos as fotos mais antigas, podemos imaginar como o mesmo já era participação especial na vida de todos estes moradores, muitos já não são vivos, mas seus filhos e netos ainda residem nas proximidades. Atualmente a Alfredo Moura é rodeada por antigas casas, com alguns moradores, como se pode ver alguns comércios, o fluxo de pessoas é bem menor que no centro, que se encontra uma rua mais abaixo.

De uns dias pra cá tem dado muita pouca gente, depois da pandemia, aí dá pouca gente, quando dá no máximo 19 e 30 já está tudo esquisito. Antigamente vinha muita gente, tinha Petrônio (a lanchonete), o açai, que saiu foi lá pra baixo. Durante a manhã eu fico ali na praça, fico olhando as pessoas, não é só eu, vem mais gente, esse velho aí (o amigo Dorinho) (senhor Assis Calixto, 15 de junho de 2022).

No quesito estrutural, alguns prédios ainda mantêm um pouco da arquitetura, inclusive um dos mercados mais antigos da cidade, a antiga bodega de seu João Matias permanece ativa. Os hábitos de alguns moradores ainda são os mesmos, se juntam durante as

tardes para conversar. Também se encontra em um dos prédios que circulam esta praça, a biblioteca municipal, bem como a lanchonete de Petrônio, que ocupa outro prédio vizinho.

Não podemos negar que os efeitos dos anos são sentidos por todos e todas principalmente nos lugares, pois uma geração vai e outra vem, os interesses vão sendo modificados com este decorrer, a frequência hoje em grande parte é transitória, mas de acordo com relatos de pessoas mais velhas é perceptível que este mesmo lugar era lotada frequentadores/as e o que ainda resiste são as belas e memoráveis vivências da época vivida.



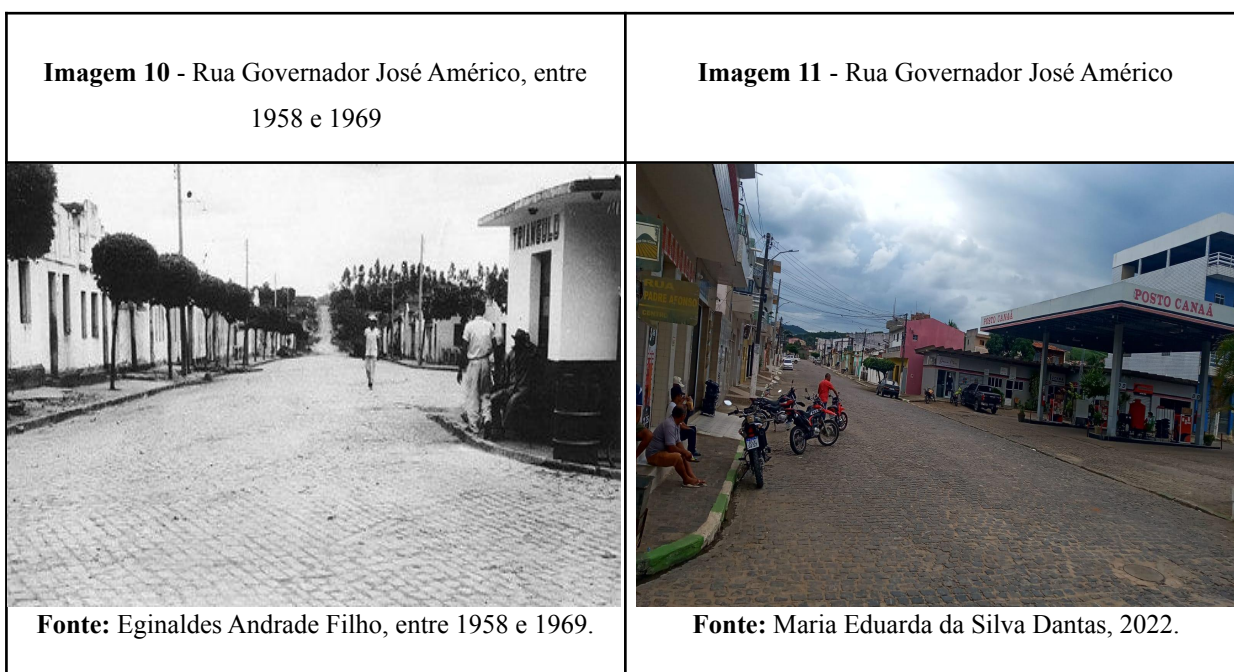
É notável que as modificações não ocorrem tão somente estruturalmente, mas a nomenclatura foi mudada nestes espaços públicos, agora homenageando importantes figuras políticas da cidade, inclusive da família Beltrão. O lugar citado mais acima (imagens 08 e 09) foi um dos que mais foi modificado desde a arquitetura, como os/as frequentadores/as, no presente essa praça é o principal local para aglomeração de estudantes universitários/as, ponto de partida para os ônibus estudantis, fato que em seus primeiros anos não existiam.

Moro aqui do lado da praça, faz mais de 30 anos. Desde que a antiga praça existia eu frequento aqui, até as antigas lajotas e as cerâmicas que tinham eles me deram coloquei ali na minha casa. Estou aqui na praça todos os dias, jogo junto com os meninos, todos os dias montamos a mesa para jogar dama, todo mundo que mora por perto, uns mais que outros, sempre tem gente por aqui. Com o passar dos anos aumentou a frequência das pessoas sim, mais homens para jogar, porque criança a gente não aceita pela idade né. Agora, criança brincando tem muitas, faz pouco tempo que as crianças vem para brincar, e eles atrapalham muito aqui, perturbam muito, jogam bola, bate nas paredes, nos portões e na gente, fui falar eles me xingaram (senhor Antonio Correa, 15 de junho de 2022).

No demais é possível observar que em todas as perspectivas a qual se olha a praça Lia Beltrão está cercada de residências, com famílias que se encontram no mesmo lugar a muitos anos, onde hábitos foram estabelecidos ao longo do tempo, o público frequentador é

um pouco mais que nas praças antecedentes, mas a presença de comércio é rara, mas faz parte do cenário uma escola privada, que em determinados horários, os seus alunos desfrutam do espaço.

Segundo, é que por meio desta comparação fotográfica e deste relato que enxergamos se que um considerável aumento na quantidade de moradias, que hoje é rotina ver um grupo de homens se juntarem para jogar dama, em grande proporção, como ver crianças se organizarem e interagir em diversas brincadeiras, proporcionando, assim, uma dinâmica mais ativa, no que se refere a troca de vivências, já que há uma constância em suas práticas.



Na rua enquanto centro e quadro da vida cotidiana, as pessoas são passantes, habitantes, artesãs; elementos constitutivos e permanentes, às vezes quase inconsciente, na visão de mundo e na própria condição humana. A realidade concreta banal faz do/a cidadão/a “homens e mulheres da rua”, uma pessoa diante de outros e outras, sob o olhar de outrem, “público” no sentido original da palavra (DARDEL, 2015).

É perceptível que por se tratar de uma rua pública, a mesma está cercada de residências, com diversas pessoas que a transitam durante o cotidiano. O que a torna diferente das demais, é devido a suas finalidades, utilizada desde parque de eventos à passarela de desfiles cívicos. Tais funções se devem ao espaço proporcionado pela rua Governador José Américo (imagens 10 e 11). Esta rua especificamente foi ambiente de grandes eventos festivos durante anos, já que a cidade é conhecida nas redondezas por oferecer festas de fim de ano bem famosas.

Esta rua pode ser tomada como exemplo, o lugar onde ela está situada tem uma importante implicação sobre o estatuto que ela possui. A qualidade pública de uma rua é uma condição sócio-histórica, para além da simples forma, composta pela maneira como esse espaço é concebido, usado e vivido. Igualmente, o mero agrupamento de pessoas não caracteriza um público, sendo esse qualitativo produto de um longo processo de conquistas, de um conjunto de regulações específicas que surgiram em um dado momento histórico-geográfico, nem sempre constantes.

Só morei nessa rua desde que vim de Guarabira, vim para cá e nunca saí dessa rua. fez 48 anos agora no mês de maio, meus meninos foram todos criados aqui, todinhos, a maiorzinha que tinha era FÁ. Todo mundo da rua é conhecido, todo mundo conhece meus meninos. Quando eu vim morar aqui a rua já era calçada, toda vida a foi larga essa rua. Quando tinha a outra praça eu ainda fui, tinha os pés de pau, os banquinhos, tudinho, quem tirou daqui da frente foi a doutora Alcione Beltrão, porque ela queria fazer as festas aqui, precisava da rua limpa. Ainda fez muitas, menina eu ganhei tanto dinheiro alugando meus banheiros, para o pessoal mijar (urinar) de noite. Para mim não foi ruim, teve um ano que a gente fez 700 reais. Eu passava a noite todinha acordada mais Tico (falecido esposo), a gente ficava na cozinha pra cobrar o pessoal quando entravam para o banheiro, eu já tava lá. Tinha gente que já entrava para brincar com um gato que tinha, era bom no tempo. As festas aqui sempre foram famosas, vinha muita gente. As festas não me atrapalhavam em nada, para mim era bom. Depois que a festa mudou eu sinto falta demais, mudou para o pátio, veio a pandemia, já tinha se acabado tudo. Se as festas voltassem eu ia gostar (dona Diva, moradora, 17 de junho de 2022).

As falas de dona Diva são muito cativantes, interessantes também, pois ela foi a primeira pessoa de idade que ouvi falar que gosta de barulho, mas pude enxergar um brilho em seu olhar enquanto ela falava empolgada da época em que alugava seus banheiros para todos/as aqueles/as que vinham desfrutar de umas das festividades mais famosas da região (imagem 12), que era as de finais de ano e de São João, realizadas na rua onde ela mora a tantos anos, que criou seus filhos, viveu com seu esposo, vê seus netos/as e bisnetos/as partilhando momentos, lhe fazem ainda brilhar os olhos enquanto ela fala. O mais tocante é ver que uma senhora de seus 80 e poucos anos, celebra a juventude por meio de um espaço público tão simplificado para muitos, como é a rua.

Ao mesmo tempo em que os/as moradores/as desse lugar desenvolveram um sentimento topofílico, tratando este espaço público como extensão de suas casas, temos outra perspectiva ao nos referir da massa frequentadora que durante estes períodos de festa, os quais modificou completamente a vida dos/das residentes, pois se considerarmos a rua como extensão das casas, nessas épocas elas eram invadidas, a rotina a qual tinham também era modificada.

O espaço físico é preenchido por um vocabulário que se declina a partir de diferentes "lugares" e de variadas práticas. Como essas práticas são relacionais, pois se

desenvolvem sob um espaço comum, sua interpretação depende do contexto no qual se inscrevem. Igualmente, elas são orientadas segundo a localização; todavia, ao mesmo tempo que esses lugares modificam o sentido das práticas, eles são simultaneamente transformados por elas (GOMES, 2010, p. 164).

Imagem 12 - Tradicional festa de Alagoinha, em 2015



Fonte: Blog do Cristiano Alves, 2015.

Após alguns anos, devido o aumento do público a festa foi transferida para um pátio propício, onde há uma estrutura adequada, alguns agradecem, outros/as como a nossa entrevistada sentem saudades e desejam que as comemorações retornem para a rua. Salientando desse modo que uma rua não é resumidamente um lugar de passagem, mas vai bem além, espaço de confraternização e de histórias significativas.

De tal modo, fica evidente o quão importante é o papel desempenhado por cada espaço público, que não é simples o fato de um lugar específico desenvolver funcionalidades como as já citadas na rua Governador José Américo, mas que foram as práticas que ressignificam e transformam todo o contexto para o qual ela foi constituída, um lugar de transição, extensão das casas para alguns, de troca, espaço de brincadeiras, de jogos é mudado em espacialidade para desfiles, por disponibilizar de uma grande extensão tornou-se lugar de grandes e memoráveis eventos festivos.

Existe uma troca constante que caracteriza tanto os grupos frequentadores como o próprio espaço público, cada prática desenvolvida vai modificando o espaço, bem como o mesmo pode mudar as práticas dos grupos, a rua anteriormente citada, foi constituída para a transição dos moradores, a praça para a socialização dos moradores, porém com o passar dos

anos novas funcionalidades foram sendo agregada a ela, assim sendo que: não é sempre que um espaço público permanecer com o mesmo propósito para o qual foi constituído.

Dando continuidade às análises, a praça Durval Barbosa (imagem 13), um espaço público jovem comparado aos anteriores, porém que já desempenha um papel de suma importância para a cidade de Alagoinha, disponibiliza de diversos pontos comerciais e funciona como uma praça de alimentação. Mas, é importante ressaltar que antes dessa estrutura ser construída e comercializada, havia uma fazenda e poucas moradias, como um prédio público que oferecia oficinas e cursos para mulheres e jovens, o chamado Núcleo.

Antes desta construção o Núcleo já se encontrava inativo, após um investimento e acordo entre a Prefeitura e um empresário, que já havia comprado terras e formou um loteamento, a praça e os boxes foram construídos, o mesmo possui três prédios, todos possuem boxes alugados e um deles quitinetes. Todo o valor promovido é direcionado para o investidor, no caso a praça só possui o nome de um antigo prefeito, como desfrutar do espaço para organizar pequenos eventos comemorativos. Como Sánchez refere se às iniciativas privadas em espaços públicos do seguinte modo:

Grande parte das iniciativas privadas voltadas às atividades urbanizadoras esteve em mãos de empresários que exerceram, em diferentes cenários, um papel bem mais complexo que o de simples acionistas das empresas sob interesses particulares. Pelo contrário, foram pioneiros na reunião de capitais individuais em sociedades anônimas, como forma de viabilizar investimentos. Estes atores foram responsáveis pela promoção de abrangentes articulações, seja entre as diferentes áreas da economia, incluídas aí as atividades urbanizadoras, seja entre a iniciativa privada e a administração pública, pautadas todas elas numa complexa teia de relações (SÁNCHEZ, 2005, p. 411).

O uso do espaço público e a construção desse projeto visava dar uma finalidade a um ponto estratégico que estava abandonado, como dar uma cara nova à entrada do loteamento, que possui o mesmo dono dos boxes e apartamentos ao redor da praça. Tudo se tratou de negociações, que ao final levaram ao desempenho da espacialidade pública ser modificada.

Atualmente, é o lugar onde se possui maior número de pessoas que frequentam o mesmo espaço, não só os munícipes, como movimenta moradores de toda a redondeza. Aos finais de semana, a lotação é completa, uso de paredões de som, brinquedos para os pais locar para as crianças, além dos pontos comerciais com música ao vivo, tem barraquinhas com comidas. Em resumo, a praça é pública, porém é tomada de atividades privadas, voltadas para o consumo.

Imagem 13 - Praça Durval Barbosa

Fonte: Maria Eduarda da Silva Dantas, 2022.

“O espaço urbano, submetido ao fetichismo do valor de uso, passa a ser objeto de consumo e expressão de modismos, estes vendidos como "estratégias de requalificação urbana" pelas administrações locais e seus parceiros empresários” (SÁNCHEZ, 2005, p. 414), faz alusão ao que ocorre de fato quando se observa que partes da cidade que antes eram pública começam apresentar fragmentações em nome da valorização imobiliária como do comércio.

Neste trabalho, procuramos resgatar a importância dos espaços públicos por meio das imagens, assim como relatos das memórias, através de entrevistas orais, principalmente dos mais idosos. Frisando o lado mais cultural, subjetivo e simbólico dessas relações com os lugares já citados. Diante dos depoimentos, foi possível fazer a análise como contrastar um pouco de que modo e em que parecer está a troca entre os espaços públicos e a sociedade, bem como o papel que eles desempenham no cotidiano dos/as frequentadores/as (MONTENEGRO, 2003).

Por intermédio de gravações das conversas foi possível capturar a fala dos entrevistados, as mesmas foram realizadas por meio do celular que possui a ferramenta de gravação. Durante a semana foi realizável a maior quantidade possível de relatos, entre os dias 14 á 17 de junho, do referido ano de 2022, foram recolhidas um total de doze gravações, algumas contendo mais de um relato. Todas as conversas foram baseadas por roteiro, em alguns momentos tudo fluiu como uma conversa simples, sem ser perguntas e respostas

A proposta apresentada é de recuperar e elucidar a importância dos espaços públicos no cotidiano dos/as moradores/as da cidade de Alagoinha/PB. Foram realizadas entrevistas no total de doze conversas, onde cada um/a revelou como suas vidas estão ligadas às

espacialidades, suas concepções sobre os novos cenários que presenciam diariamente e de forma mesmo com as mudanças ocorridas na cidade muitos/as deles/as ainda buscam manter hábitos relacionados e com esses espaços.

Tinha os antigos bancos que eu lembro, não era esses de madeira e vinham um monte de gente assistir televisão, sentar no coreto para conversar, desde que derrubaram ficou esquisito, ficou morta. Antigamente, era mais senhores, porque tinha a televisão, eu vinha aqui, passava aqui e ouvia as gaitadas, eu era moça tinha 14/15 anos e não morava aqui (dona Lourdes, 14 de junho de 2022).

Na fala desta moradora, pode se entender o porquê de alguns senhores pedirem para que seja dada mais atenção, já que em outros tempos as funcionalidades oferecidas por essa espacialidade eram diversas, desde o coreto, os bancos eram de concreto, com diversas árvores, diversos fiteiros (barracas com guloseimas) e para os mais velhos até uma televisão pública que todos podiam desfrutar, em um tempo que as praças públicas eram locais de famílias se reunirem, desde crianças aos idosos.

Imagem 14 - Bingo beneficente na praça Geraldo Beltrão



Fonte: Blog do Cristiano Alves, 2019.

É evidente por meio das imagens (imagem 14) e do relato que os dias populares da praça Geraldo Beltrão não permaneceram por muitos anos, a estrutura foi modificada e um novo espaço foi criado o que contribuiu para que toda a dinâmica ativa fosse mudada. Atualmente a movimentação que se pode ver é devido aos eventos promovidos pela igreja católica.

Aqui era muito movimentado, o movimento da cidade era todo aqui, quando fizeram a outra transferiram tudo pra lá, lá tem mais espaço para as crianças brincarem, aqui não, qualquer bolinha já está no meio da rua e lá tem espaço para os meninos brincarem. Hoje em dia é difícil ver as crianças brincarem aqui, a não ser a neta de Zé Mariano do cartório, a minha quando vai para ali, quero dizer assim, que as mães vem com seus filhos para brincar como antigamente. Se a praça voltasse ao que era antes, talvez poderia resgatar o movimento, voltar a ter tudo que derrubaram, a praça em si, se tivesse deixado do jeito que estava,

não ter derrubado nada, só feito uma reforma, teria mais movimento. Só se vê mais gente em missa campal, semana santa e quinta feira (feriado de Corpus Christi) que dá mais gente, mas tirando isso, também quando termina o povo vai embora, não vê ninguém mais, depois tira as cadeiras da praça some, não é de se vê gente conversando, vê os bêbados brigando (dona Lourdes, 14 de junho de 2022).

Consequente, encontramos o motivo de quase todas as especialidades estarem perdendo seu público frequentador nos últimos anos, a nova praça como a chamam - a praça Durval Barbosa - a citada é considerada por grande parte dos moradores o lugar que mais aglomera pessoas, bem como os comércios (lanchonetes, bares, brinquedos para arrendar). Pode ser denominada também como praça de alimentação, reúne em sua grande maioria jovens.

A noite dá um pouco mais de movimento, mas já teve época que dava mais, mas com aquela lá (praça Durval Barbosa) tudo foi pra lá (seu Assis Calixto, 15 de junho de 2022).

Hoje a praça não é muito frequentada por conta da nova praça (Durval Barbosa), por isso essa praça não é muito frequentada (seu Joca, 14 de junho de 2022).

Imagem 15 - Inauguração do letreiro na praça Durval Barbosa



Fonte: Instagram @prefdealagoinhapb, 2022.

O público que frequenta a praça Durval Barbosa é grande (imagem 15), porém, a ampliação da esfera privada não a torna pública, não constitui uma esfera pública, mas, ao contrário, indica que ela refluí quase que inteiramente (SERPA, 2005, p. 415). Assim sendo, que dentro de toda a massa de frequentadores/as a minoria realmente desenvolve um sentimento de afetividade, suas vivências estão relacionadas a este lugar, devido a sua transformação em um simples objeto do valor de uso, que virou tendência nos últimos tempos.

Não moro aqui perto do comércio, a rua que resido é na rua Senador Rui Carneiro, faz pouco tempo que transferei para, uns 11 meses. Mudei, porque onde

era o antigo estabelecimento (praça Alfredo Moura), era de meu avô que foi vendido, era herdeiro, aí mudamos para cá (praça Durval Barbosa). O público, pois já tínhamos os clientes e vindo para cá aumentou a clientela. Vem muita gente de fora da cidade. O novo centro comercial é aqui agora. Não tinha muito tempo, é tudo corrido, não resta tempo para frequentar a praça, minha relação é só comercial. O barulho incomoda muito, mesmo com o fluxo de pessoas os sons dos carros causa incômodo, particularmente eu não gosto, os moradores ao redor devem se incomodar também. Fora o barulho é de boas, o maior movimento é aos finais de semana (Joelson da Silva Oliveira, comerciante, 17 de junho de 2022).

Faz muitos anos que eu moro nessa casa, uma base de uns dez anos, quando vim morar aqui não existia mais o núcleo, fizeram tudo novo. Muita gente vai nessa praça, hoje (sexta-feira) é que feio, um tanto de gente, eu não vou não, fico só aqui na minha calçada fico observando o movimento. Dá muita gente, que incomoda, a gente que gosta de dormir cedo, quando vai terminar isso aí é bem 3 e 2 horas da madrugada, fica um bocado de homem e mulher até o dia amanhecer, com som fazendo barulho, o som para mas a bagunça continua, e hoje que é dia sexta, sábado e domingo. Essa é minha filha Margarida: sempre que tem as festas na sexta, final de semana. Não frequentamos a praça, daqui mesmo se escuta a zuada. Fica os carros tocando, o povo quando começa a beber sempre tem que ter o som, eles não deixam de colocar, nem que a gente empate, a gente que mora aqui por perto teve que se acostumar (senhor Rafael; filha Margarida, moradores, 17 de junho de 2022)

Moro aqui há mais de 15 anos, ainda peguei o tempo que existia o núcleo. No tempo do núcleo era mais tranquilo, porque não tinha festas, agora tem mais animação pelas festas. O barulho incomoda um pouco, porque às vezes com os sons automotivos, daí a gente liga para a polícia eles vem e desligam, não é hábito, só ligamos quando tem carros que realmente estão incomodando. Quando tinha o núcleo eu frequentava, mas foi se deteriorando, ninguém tomou conta, mas lá se dava cursos que o pessoal vinha fazer de pintura em pano de prato, corte de cabelo, esses tipos de coisa. Comparando com a praça agora era mais lucro, pois dava cursos. Essa rua aqui a maioria é toda idosa. No dia a dia não vou, raramente por conta da correria. Fora o barulho não tem nada que me incomode.

Lucas: eu não frequento a praça, prefiro ficar sentado aqui. Tem pessoas que vem e passeiam, trazem as crianças e os bebês. Assim, tem muita gente que vem pra beber, consumir, porém é mais a noite, de tarde é mais crianças e as mães (Poliana; Lucas, moradores, 17 de junho de 2022).

Mesmo que a praça Durval Barbosa atraia um grande número de pessoas, seja para consumir ou interagir entre si, quem vive ao redor ou mesmo trabalha não desfruta das finalidades que a praça dispõe. A interação de quem mora próximo a este local, além da observação, é o fato de se sentirem incomodados com o barulho produzido pelos consumidores dos bares e daqueles que colocam seus sons automotivos na praça, fazendo da mesma um lugar tão estrondoso que é impossível de conversar.

Ao refletir sobre tais relatos de vivência cotidiana, nos remetemos a que ponto a identidade social, construída por meio do contato, bem querer e afetividade pode ser

distorcida quando as finalidades para um determinado espaço público são contraditórias. A praça em si é denominada como pública, todos podem frequentar, porém as funcionalidades disponibilizadas possuem algo contraditório. No caso daqueles que não consomem bebidas alcoólicas e não curtem sons altos, são privados de frequentá-la, para aqueles que são residentes e até comerciantes, acaba tornando-se “obrigação” conviver com tal realidade.

Como bem salienta Serpa (2007), é necessário haver interação, transações, ou contatos entre grupos diferentes para que haja a construção de identidades. É uma consequência de todas as ações citadas, caso o público seja homogêneo é inviável que haja a construção de identidades sociais. A diferença entre os grupos faz com que a característica principal dos espaços públicos seja tão instigadora, pois, “o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre a identidade e a unidade do grupo” (SERPA, 2007, p. 20).

Em fala, alguns moradores citaram o antigo núcleo, denominado como Núcleo do Fisco Estadual, ele ofertava diversos cursos preparatórios “mas lá se dava cursos que o pessoal vinha fazer de pintura em pano de prato, corte de cabelo, esses tipos de coisa. Comparando com a praça agora, era mais lucro, pois dava cursos” (Poliana, moradora). As funcionalidades eram voltadas para todos os tipos de grupos sociais, como de idades diferentes, preparava diversas famílias para o mercado de trabalho, como ofertava entretenimento para jovens, adolescentes e jovens, com aulas de danças, de música, pinturas e artesanatos.

Todas as datas festivas eram comemoradas, assim como a entrevistada mantém algumas memórias a respeito deste lugar que possuía tantas vivências, acreditamos que outros mais ainda recordam do Núcleo com carinho. É por meio desses relatos que podemos identificar que os residentes mais velhos são os que sentem falta do vigor que um dia o espaço teve. Podemos ressaltar ainda que praças como Alfredo Moura recebem o Raízes do brejo (imagem 16), um evento cultural em que a cidade é participante. Durante o período das programações a praça recebe diversos visitantes.

Faz mais de 50 anos que moro aqui, quando vim já existia a praça, faz mais de 50 anos que já tinha esse lugar. A noite dá um pouco mais de movimento, mas já teve época que dava mais, mas com aquela lá (praça Durval Barbosa) tudo foi pra lá. Antes quando vinha muita gente eu gostava mais do movimento, mais ainda vem crianças brincar durante o final das tardes, teve uma época, agora parou, vinha uns meninos jogar bola, já rapaz, aqui não é local de jogar bola, isso é canto de um velho sentar e conversar, as crianças brincar, mas acabou mais, saiu daqui e foi para a praça de Antônio Correia (praça Lia Beltrão). Teve uma vez que uma velhinha passou, eles deram um chute que a velhinha caiu, mesmo ali, mas parou um pouco (seu Assis Calixto, morador, 15 de junho de

2022).

Corrêa (2007, p. 176) nos revela que a “toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. A toponímia, na realidade, articula linguagem, política territorial e identidade”. No tocante sobre o evento (imagem 16) que ocorre na praça Alfredo Moura, tornou-se uma característica, âmbito de constituições não só identidades mais relações de vivências.

“É, em parte, por meio de formas simbólicas que a cidade expressa uma dada cultura e realiza o seu papel de transformação cultural, tanto em sua hinterlândia como em seu próprio espaço interno, tanto no passado como no presente e visando ao futuro” (CORRÊA, 2002, p. 177) alimenta não só a cultura, mas também torna a praça Alfredo Moura o palco principal e o berço da cultura popular na cidade, ao menos nesse período. É importante destacar esse espaço público tão pouco frequentado, mas que ainda carrega muita história, alimentando as memórias daqueles/as que ainda o frequentam.

Imagem 16 - Raizes do brejo em Alagoinha, praça Alfredo Moura



Fonte: Instagram @raizesdobrejopb, 2018.

O mesmo fato ocorre na praça Lia Beltrão, apesar de um quesito que as diferencia: o jogo de dama, que virou parte da rotina dos senhores e jovens. Em entrevista, o organizador, como também morador, fala do lugar com muito apego e às vezes indignação pelo fato de alguns adolescentes atrapalharem não só eles com o jogo de futebol, também citado pelo senhor Assis Calixto, mas de qualquer criança de usufruir do lugar, pois corre o risco de sair machucada.

Na época do doutor Clócio Beltrão, tinha uma televisão aqui, tinha muitas árvores, aí eles cortaram, eu plantei essas árvores depois da reforma que foi na época do Marcus, ele fez isso aqui, as coisas melhoraram depois dele. O dominó existe a pouco tempo, faz uns dez anos ou mais. Tenho um carinho grande, aliás essas duas árvores foi eu que plantei com meu filho, esse aqui era bem frondoso ele quase morre, deixaram de aguar o bichinho, eu mais Valmedir, ele trouxe estrume, adubo, aí colocou aqui, eu e André ficamos aguardando os bichinhos, todo dia. Tinha uns pés bem bonitão, eles vieram e arrancaram para colocar na outra praça, eu fiquei chateado então eu não reguei mais, tava aqui sendo cuidado, será que aqui não merece? Se plantou aqui, que deixasse, tinha quatro pés, aí tiraram e plantaram na outra praça. Às vezes nós ficamos aqui até 19/20 horas da noite, não todos os dias, uma vez ou outra, enquanto tiver gente para jogar. Às vezes quando eu abro aqui às 13 horas já tem gente esperando aqui, fica: vamos jogar. Eu que organizei tudo, fiz essas cadeiras, a mesa, ajeitei o jogo, as peças é pra todo mundo jogar. Tem idosos, tem jovem que vem jogar, só não criança, de maior de idade, a gente não quer problema. A pessoa não pode ficar com uma criança aqui, por conta desse jogo de bola, meio de rua e praça não é lugar de jogar bola (senhor Antonio Correia, morador e jogador, 15 de junho de 2022).

Dentro da rotina do entrevistado, a praça se tornou uma extensão da sua casa, o apego, a bem querência fazem deste lugar algo que vai além de simples hábito, o vínculo é tão estreito que ao cuidar das árvores ele envolve toda a família, dedica parte do seu tempo e tem uma satisfação enorme ao ver o lugar bem cuidado e de boa aparência (imagem 17). Foi estabelecido ao longo do tempo um local natural das vivências de cada um que têm em comum o prazer de jogar, se encontrar, partilhar conversas e colecionar vivências.

Eu vinha jogar todos os dias, aí na pandemia a gente parou, mas voltamos de novo a brincar aí. Faz uns 18 anos que venho jogar aqui, eu moro na rua da caixa d'água, um pouco longe, mas é bom fazer caminhada para estirar as pernas. Sempre teve uma equipe legal, era pra fazer uns torneios, mas a galera não faz. Isso é bom pra gente passar o tempo, conversar, é uma terapia aí, bater papo, saber como anda a cidade cada um traz uma história. Toda tardezinha vem essa equipe brincar na praça (conhecido como Cabeludo, 15 de junho de 2022).

Não faz muito tempo que jogo, uns 5/4 meses por aí que venho, depois da pandemia. Eu sempre passava aqui e via os meninos brincando, aí teve uma vez que eu parei aqui e comecei a brincar com eles. Eu moro no conjunto, vem de longe para brincar. Aumentou a quantidade de gente, é bom jogar aqui (Biu, 15 de junho de 2022).

As vezes eu venho jogar dominó aqui. Gosto muito de vir aqui, Antônio é mesmo que ser meu irmão. Esse tempo que existe o dominó eu venho, moro perto daqui, faz 38

anos que moro perto. Conheci a outra praça antes de ser reformada. A diferença é só os meninos que atrapalham esse jogo de bola e a falta de respeito (Severino - vulgo Biu da galinha, 15 de junho de 2022).

Imagem 17 - Jogo de damas na praça Lia Beltrão



Fonte: Maria Eduarda da Silva Dantas, 2022.

Fazendo uso de todos estes relatos, materializo que a família vai além do laço sanguíneo, que as vivências também podem estreitar, aproximar pessoas distintas por intermédio do espaço compartilhado. Como pode marcar a vida de pessoas, funcionando diariamente como uma terapia, para fugir das preocupações. Todos os homens que não deixam de ir ao mesmo espaço, todos os dias, que zelam para o manter em boas condições, que desenvolvem atividades onde todos podem participar, são o exemplo que conseguiram realmente alcançar a finalidade o que é espaço público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que relatar sobre os espaços públicos vai bem além das definições resumidas e objetivas, trata-se de uma cadeia complexa de relações tanto do espaço com os/as indivíduos/as como entre eles mesmos. Bem que o debate envolvendo a importância dos espaços públicos nas relações sociais, como um fator de grande importância para as vivências e relações constituídas com os tais é uma discussão recente entre estudiosos, principalmente com um quesito que colabora para manter as memórias e lembranças vivas.

O conceito defendido por geógrafos humanistas é que o espaço público vai além do simples fato ser um espaço que não é privado, aberto ao público em que todos/as seguem regras, para um convívio pacífico, eles não se contentam que o espaço público esteja sujeito a tal síntese. Conclui-se que a relação entre espaço público e os/as frequentadores/as vai bem além do denominado anteriormente: é lugar de troca, de convívio, de histórias, de bem querer, em outras palavras, pode se chamar extensão do lar. As experiências são inundadas de emoção, uma percepção subjetiva de cada lugar, que trás a cada um/a, um olhar diferente do lugar que a outros pode parecer comum.

Ao voltar a visitar cada espacialidade já citada, me vêm à memória grandes recordações, desde a praça da igreja (Geraldo Beltrão) até a rua Governador José Américo. Lembro me que aos finais de semana após sairmos dos cultos, todos/as os/as jovens e adolescentes íamos para lancher em uma das pizzarias e lanchonetes, às vezes fazíamos os pedidos e sentávamos nos bancos e cantávamos enquanto o lanche não chegava. Quase sempre que passo por lá, me vem à mente esses momentos nostálgicos.

Do mesmo modo, acontecia na Alfredo Moura: lá era reservado, e até dois anos atrás ainda frequentava a praça, sempre que a praça da Geraldo Beltrão estava muito cheia, a gente preferia ir lá para praça de Petrônio (os mais velhos a chamam assim). Por citar Petrônio, ao voltar aquele espaço, me fez recordar partes da infância, meu pai sempre levava eu e meu irmão mais novo para comer o melhor cachorro quente da cidade. Memória afetiva é umas das melhores coisas, que faz despertar sentimentos e sentidos adormecidos, que tantas vezes esquecemos com novas substituições em nosso cotidiano.

A rua Governador José Américo, desperta-me não para as festas que lá ocorriam, mas para todos os brinquedos e parques que eram instalados e passavam diversos dias na cidade, fazendo a alegria de todos, ainda hoje é onde eles ficam. Reuníamos grupos de amigos e amigas para ir, como boa medrosa que sou sempre era a que cuidava dos pertences, só de estar ali, vendo o riso, famílias reunidas, aquelas imagens que de alguma forma me marcaram.

A praça Lia Beltrão fazia parte de todo esse cenário, pois servia de extensão para os brinquedos, geralmente a roda gigante ficava bem em frente a praça, o samba na outra lateral. Essa mesma espacialidade foi local onde esperei e peguei o ônibus para universidade durante dois longos anos, fiz bastante amizades, sempre que chegava mais cedo aproveitamos para trocar algumas conversas que continuavam no ônibus.

Por ser um lugar recente e bem conturbado, a praça Durval Barbosa não é um espaço que eu frequente com tanta facilidade, geralmente prefiro fazer meu pedido e comer em casa. São raros os momentos que tenho, mas sempre que vou procuro os dias e horários mais tranquilos, que dê para ter uma conversa. Há uns dois anos, um amigo em comum tinha um estabelecimento que era onde a galera se reunia após os cultos, ou nos sábados. Sempre preferia ir para uma das praças menos movimentadas, enquanto o açaí de um dos entrevistados era na praça Alfredo Moura, era lá que sempre ia com minhas amigas, quantas fotos, gargalhadas, conversas foram trocadas naquele lugar.

Cada um dessas espacialidades, reacendeu em mim algo, as memórias que já se perdiam pelo tempo, principalmente os mais antigos, visitá-los para a pesquisa e construção deste trabalho, realmente me fez remeter o quanto passamos despercebidos, quão grande é o vínculos que constituímos a partir da nossa frequência a esses lugares. O apego, o bem querer, o sentimento topofílico que é estabelecido através das trocas, das conversas, dos sentidos, das companhias e locais que habitualmente nos atraem para estas praças públicas, possui um arcaibouços em nossas vivências e em nossas histórias que não possui o reconhecimento da população e são abandonados.

Todo o embasamento construído para denotar a importância dos espaços públicos na vida de cada pessoa, a certo modo serve para lembrar, ao menos a minha pessoa, que através e por meio de cada espacialidade se tem muitos relatos, memórias e vivências a serem ditas. Já não nos encontramos nos tempos ápice desses lugares, mas isso não quer dizer que eles estejam ou estão esquecidos, sempre vai ter crianças a brincar, tornando aquele lugar especial de alguma forma em sua vida, um/a idoso/a a contar uma história a qual vivenciou.

Por fim, entende-se que grande parte das nossas experiências e vivências pode ser atrelada a uma espacialidade, ressaltando ainda mais quão importante são os espaços públicos para alguns/as, pois, despertam em cada um/a algumas memórias, enfatizando que de fato houve ou há vivências estabelecidas com o lugar, para cada frequentador/a de modo mais intenso do que outros/as, mas ao final desempenham alguma importância.

Por meio da observação é notável que esses espaços citados precisam de um olhar atento, que enxergue seu potencial cultural, educacional e memorável na vida dos

circunvizinhos, necessita de políticas públicas inovadoras que tragam finalidades que atraia seu público novamente, acadêmicas, eventos culturais e educacionais, que atraia todas as faixas etárias. Seria importante desenvolver torneios de dama, já que o grupo de senhoras na praça Lia Beltrão cresce a cada dia, a volta de bingos e projetos que apoiam o comércio local na praça Geraldo Beltrão, como uma academia pública para idosos e crianças em qualquer uma dessas praças, um projeto de leitura e saraus ao ar livre na praça Alfredo Moura, incentivar a produção de eventos em espaços cuidados fisicamente, mas que a população não sente prazer em visitar.

As sugestões aqui apresentadas são meios para que espacialidades que desenvolveram um papel tão importante na vida dos cidadãos durante tanto tempo, que faz parte da história política e social de Alagoinha, como também fizeram parte da história de muitas pessoas. Desenvolver esse olhar mais delicado para tais espaços públicos, faz parte do sentimento de pertencimento a um lugar, em ênfase a minha cidade natal, na qual vivenciei toda minha infância, adolescência e juventude. Estar atenta aos detalhes me fez perceber que se pode fazer algo por parte da história, que as mudanças não são sinônimos de abandono do que é mais antigo, mas buscar a valorização do que foi e do que ainda pode ser na vida de muitas pessoas. O espaço pelo espaço não constitui memórias e geograficidades, mas é a troca constante que o torna diferente.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista Território**, ano 3, n. 4, jan./jun. p. 05-25, 1998.
- ADAMENAS, Tom; PIRES. Sete teses sobre a geograficidade. *Revista da ANPEGE*. v. 16, n. 29, p. 178 - 216, 2020.
- ARANTES, Rafael de Aguiar. O(s) espaço(s) público(s) numa cidade desigual e segregada. **Caderno CRH**, Salvador - BA. v. 34, p. 1-19, 2021.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**. São Paulo: Edusp, 2000.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Espaços privados. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre (Org.). **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 203-207.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias geográficas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 167-186.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DAVIM, David Emanuel Madeira. Resenha: O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica, Eric Dardel, 2011. **Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies**, Gôiania - GO, v. 22, n. 2, p. 249 - 252, 2016.
- FERNANDES, Marcio Luis. O lugar em sua multidimensionalidade. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 96-115, 2016.
- FORTUNATO, Ivan. Notas sobre a geograficidade da paisagem retratada na literatura e poesia. **Revista Geográfica Venezuelana** - Venezuela, v. 58, n. 1, p. 215-221, 2017.
- GARBIN, Estevão Pastori. Resenha: Epistemologia da Geografia, Paul Claval, 2011. **Boletim de geografia**, Maringá - PR, v. 29, n. 2, p. 165-167, 2011.
- GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- GOMES, Paulo César da Costa. Conceitos fundamentais da Geografia. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia** - Niterói, Universidade Federal Fluminense, vol. 20, n. 44, set./dez, p. 115-119, 2018.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-131.

HERNANDEZ, Isa Raquel Silva Ota. A privatização dos espaços públicos pelos loteamentos fechados. In: Seminário Internacional Cidade e Alteridade: convivência multicultural e justiça urbana / Congresso Mineiro de Direito Urbanístico, 3 e 2, 2014, Belo Horizonte. **Anais do Congresso Internacional Espaços Comuns e Espaço de Exceção**. Marginalia Comunicação, Belo Horizonte - MG. p. 84 - 86, 2014.

LOPES, Wilson Martins. Uma discussão geográfica sobre a privatização dos espaços públicos pelo turismo. **Revista de Geografia (UFPE)**, Recife - PE. v. 27, n. 3, p. 86-96, 2010.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisada**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NABOZNY, Almir. Anotações de leitura, um convite para ler a tradução de "O Homem e a Terra" de Eric Dardel. **Geograficidade** - UFF - Rio de Janeiro. v. 2, n. 2, p. 58-66, 2012.

NARCISO, Carla Alexandra Felipe. Espaço público: ação política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro-UERJ, n.2, p. 265-291, 2009.

NASCIMENTO, Francijonison Custodio do. **Narrativas da geograficidade, legendas do mundo: interpretando as paisagens de cinema em *O Senhor dos Anéis***. 2021. 221 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2021.

OLIVA, Jaime Tadeu. A cidade como ator social - a força da urbanidade. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 73-80.

PASSOS, Flora d'El Rei Lopes. O espetáculo dos espaços públicos: vivências e expressões culturais na Zona Portuária do Rio de Janeiro - RJ. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro - RJ. v. 16, n. 2, p. 81-96, 2014.

SÁNCHEZ, Fernanda. O urbano no mundo da mercadoria. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 410-412.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SERDOURA, Francisco M. SILVA, F. Nunes da. Espaço Público, Lugar de Vida Urbana. **Engenharia Civil** - UMINHO - Portugal, n. 27, p. 05-16, 2006.

SERPA, Angelo. A ampliação do consumo e os conflitos entre público e privado na cidade contemporânea: questões para debate. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (Org.). **Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 413-417.

SERPA, Angelo. Espaço Público e Acessibilidade: notas para uma abordagem geográfica. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 15, pp. 21 - 37, 2004.

SERPA, Angelo. **Os espaços públicos na cidade contemporânea**. Salvador: Contexto, 2007.

SILVA, Kelly Cristina Rodrigues. A memória para pensar o espaço: a perspectiva do lugar. **Geograficidade** - UFF - Rio de Janeiro, vol. 5, n. 2, p. 26-37, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

APÊNDICE – ROTEIRO PARA COLETA DE DEPOIMENTOS



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
CAMPUS III – GUARABIRA/PB
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA
PROJETO ESPAÇOS PÚBLICOS E VIVÊNCIAS URBANAS: um estudo sobre as
especialidades de cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB**

Questões norteadoras

Apresentação.

Perspectiva histórica sobre o espaço estudado (documentos, livros, e relatos);

1 - Olá, tudo bem? Qual o seu nome?

2 - Você mora próximo daqui? Caso sim, há quantos anos?

3 - Aproximadamente, em que ano você começou a frequentar este lugar?

4 - Como foi construída a sua relação com este lugar?

5 - No seu dia-a-dia, este lugar em específico, tem alguma importância que você possa nos relatar? De que forma você se sente com este lugar?

6 - Na sua opinião, manter os espaços públicos é importante para se manter viva suas memórias com este lugar?

7 - Você pode citar algum episódio ou lembrança onde este espaço fez parte? Caso sim, se ao vê-lo isso desperta algum sentimento?

8 - No seu cotidiano, é frequente você visitar este lugar? Quais atividades você realiza?

9 - Atualmente de que forma você percebe este lugar, ele possui a mesma atenção dada todos os dias?

10 - De que maneira você pode ou poderia contribuir para que estes lugares estejam com mais evidência nos dias de hoje?

11 - O fluxo de pessoas a este lugar, de alguma forma, atrapalhou/a nas suas atividades diárias?